



Nuno Miguel Marcos Preto

**TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM POLÍCIAS:
PROCURA DE SENSações E IMPULSIVIDADE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

2012

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM POLÍCIAS: PROCURA DE
SENSAÇÕES E IMPULSIVIDADE**

Nuno Miguel Marcos Preto

Setembro 2012

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Ramo de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Cristina
Queirós (FPCEUP).

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos são especialmente dirigidos a todos aqueles que me acompanharam e apoiaram na realização e concretização deste projecto, que não seria de todo concebível, sem o seu apoio e participação.

Desta forma começo por dirigir os meus agradecimentos à pessoa sem a qual não seria possível a concretização de mais esta etapa no meu percurso académico, à Professora Doutora Cristina Queirós, pela orientação, pelo conhecimento científico, disponibilidade e exigência demonstrada, sempre, e em todos os momentos. A minha profunda gratidão e um grande obrigado pela sua dedicação.

A todos os meus colegas polícias que participaram neste estudo, tornando assim possível a realização deste trabalho.

À minha família, pelo apoio demonstrado ao longo destes últimos anos, estando sempre ao meu lado em todos os momentos.

E ainda, a todos os meus amigos que me apoiaram e me ajudaram nesta fase da minha vida, pela compreensão e colaboração demonstrada em todas as situações.

A TODOS, o meu muito obrigado.

RESUMO

A profissão de Polícia e os padrões de personalidade dos elementos policiais da Polícia de Segurança Pública (P.S.P.), constituem desde a década de 1960 um tema de estudo com grande interesse para os investigadores, pois permite o conhecimento da Polícia enquanto instituição, mas também possibilita conhecer se existe algum tipo de desgaste que actividade policial acarreta, bem como explicar alguma vulnerabilidade ao stress e como o mesmo pode influenciar o desempenho dos polícias no seu dia-a-dia. Os traços de personalidade procura de sensações e impulsividade surgem como traços associados a profissões de risco como a Polícia, mas por outro lado também podem ser protectores de estados de desgaste físico ou emocional e de algum nível de stress que os polícias possam manifestar.

Este trabalho tem como objectivos conhecer a possível existência dos traços de personalidade procura de sensações e impulsividade em elementos policiais da P.S.P., bem como verificar se existe uma correlação significativa entre estas variáveis e compreender se variam em função de características sociodemográficas e profissionais. Para atingir os objectivos propostos foi efectuado um estudo junto de 199 Polícias do Comando Metropolitano de Polícia de Lisboa, tendo sido avaliados na procura de sensações pelo “Sensation Seeking Scale - V” e na impulsividade pela “Barrat Impulsiveness Scale”.

Os resultados demonstraram que os polícias têm um nível moderado de procura de sensações, destacando-se valores mais elevados na dimensão procura de emoção e aventura (TAS), e em relação à impulsividade, identificamos médias baixas nas subescalas impulsividade motora e impulsividade por falta de planeamento, embora na impulsividade por falta de atenção a média seja ligeiramente superior, mas mesmo assim, bastante moderada, pelo que podemos concluir que os polícias da nossa amostra não são, na verdade, impulsivos.

Apesar das limitações deste estudo, os resultados poderão ser úteis para ajudar a compreender melhor a complexidade da actividade policial e o modo como ela afecta o comportamento dos elementos policiais.

PALAVRAS-CHAVE: Polícias; procura de sensações; impulsividade.

ABSTRACT

Be a police officer and police officers' personality patterns are studied since 1960 with great interest from researchers, because it allows the knowledge of the Police as an institution, but it also allows to know if there is some kind of exhaustion that police activity elicits, as well to explain some vulnerability to stress and how it can influence the performance of the police in their day-to-day. The personality traits of sensation seeking and impulsivity appears as traits associated to risk professions such as police officers, despite they can protect from physical or emotional exhaustion.

This work aims to verify the possible existence of personality traits of sensation seeking and impulsivity in P.S.P Portuguese police officers, as well to verify if there is a significant correlation between these variables, and understand if they vary in function of socio-demographic and professional characteristics. In order to achieve these aims, a study was carried out within the Metropolitan Police of Lisbon, with 199 police officers. They were evaluated in sensation seeking by "Sensation Seeking Scale-V" and in impulsiveness by the "Barrat Impulsiveness Scale".

The results showed that the police officers have a moderate level of sensation seeking, especially higher values in search of excitement and adventure. We identify low impulsiveness, especially motor impulsivity and impulsiveness by lack of planning, although in impulsiveness by lack of attention the average is slightly higher, but quite moderate. We can conclude that the participants of our sample are not impulsive.

Despite some the limitations of the study, the results may be useful, helping to better understand the complexity of police activity and how it affects the behavior of police officers.

KEY-WORDS: Police officers; sensation seeking; impulsivity.

RÉSUMÉ

La profession de policier et les profils de personnalité des policiers, depuis 1960, sont un sujet d'étude avec un grand intérêt pour les chercheurs, car il permet la connaissance de la Police en tant qu'institution, mais permet aussi de savoir s'il y a une sorte d'exhaustion provoqué par l'activité du policier. Ce sujet permet aussi d'essayer d'expliquer une vulnérabilité au stress et comment il peut influencer la performance du policier dans son quotidien. Les traits de personnalité recherche de sensations et impulsivité sont associés à certaines professions de risque comme les policiers, malgré ils peuvent être protecteurs de exhaustion physique ou émotionnelle.

L'objectif de cette étude est vérifier l'existence possible de traits de personnalité recherche de sensations et impulsivité dans des éléments de la Police portugaise P.S.P, ainsi que de vérifier si il y a une corrélation significative entre ces variables, et, aussi, de comprendre si elles varient en fonction des caractéristiques sociodémographiques et professionnels. Pour atteindre les objectifs proposés, on a développée une étude auprès de 199 policiers qui travaille dans le Commande de la Police Métropolitaine d Lisbonne. Ils ont été évalués dans ce qui concerne la recherche de sensations par le "Sensation Seeking Scale - V", est dans ce qui concerne l'impulsivité par le "Barrat Impulsiveness Scale".

Les résultats ont montré que les policiers ont un niveau modéré de la recherche de sensations, surtout dans la dimension recherche d'excitation et d'aventure. En ce qui concerne l'impulsivité, on a identifié des bas niveaux d'impulsivité physique et impulsivité par manque de planification, bien que dans l'impulsivité par manque d'attention la moyenne est légèrement plus élevé, mais même ainsi, assez modéré. Donc, nous pouvons conclure que ces policiers ne présente pas de l'impulsivité.

Malgré quelques limitations de cette étude, les résultats peuvent être utiles pour aider à mieux comprendre la complexité de l'activité du policier et comment elle affecte le comportement des éléments de la Police.

MOTS-CLÈ: Policiers; recherche de sensations; impulsivité.

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. Trabalho Policial | 2 |
| 1.2. Personalidade e traços de personalidade | 7 |
| 1.2.1. Conceitos e definições..... | 7 |
| 1.2.2. Traços de Personalidade de polícias..... | 9 |
| 1.3. Traço de Personalidade Procura de Sensações | 12 |
| 1.3.1. Definição de Procura de Sensações..... | 12 |
| 1.3.2. Procura de Sensações em polícias | 15 |
| 1.4. Traço de Personalidade Impulsividade | 17 |
| 1.4.1. Definição de Impulsividade | 17 |
| 1.4.2. Impulsividade em polícias | 20 |
| 2. METODOLOGIA | 22 |
| 2.1. Instrumentos | 22 |
| 2.2. Procedimento | 25 |
| 2.3. Participantes..... | 25 |
| 3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 27 |
| 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 32 |
| 5. CONCLUSÕES | 34 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 37 |
| 7. ANEXO: APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO | 48 |

1. INTRODUÇÃO

A profissão de Polícia constitui hoje uma das actividades mais desgastantes e exigentes na nossa sociedade, sendo mesmo considerada uma profissão de risco (Arter, 2008; Violanti & Aron, 1995; Violanti et al., 2009; Violanti et al., 2012). As tarefas que são solicitadas aos polícias são cada vez maiores, mais exigentes e rápidas, tendo os mesmos que corresponder às novas necessidades e pedidos que se colocam no domínio da segurança. A Polícia também tem que acompanhar o processo de evolução social, do qual faz parte adaptar-se a novos problemas urbanos, cada vez mais complexos e que exigem novos mecanismos de resposta.

Nos dias de hoje, a Polícia de Segurança Pública (P.S.P.) é uma força de segurança, uniformizada e armada, com natureza de serviço público e dotada de autonomia administrativa, que tem por missão defender a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos, liberdades e garantias do cidadão, nos termos da Constituição e Lei (Lei nº 53/2007, de 31 de Agosto). A segurança é uma das preocupações político-sociais mais prementes tanto a nível nacional como a nível mundial, constituindo um pressuposto indispensável para o exercício dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos, como da preservação da estabilidade da própria sociedade. Desta forma, os cidadãos esperam que o polícia seja eficiente, que combata a criminalidade e garanta a segurança das populações.

A actividade profissional dos elementos policiais no seu dia-a-dia é caracterizada pela incerteza, pela diversidade de ocorrências, pela constante exposição ao perigo e contacto directo com situações de risco, pelo que os polícias poderão estar mais sujeitos a situações de desgaste físico e mental e níveis de stress elevados. Se os polícias não tiverem estratégias adaptativas para lidar com estas particularidades, os níveis de stress podem aumentar e interferir no desempenho do seu trabalho e na sua vida pessoal.

Existindo já alguns estudos portugueses sobre a actividade policial, sobre o stress nos polícias, sobre as emoções no policiamento e sobre os traços de personalidade dos elementos policiais (Durão, 2006; Melo, 2009; Mendes, 2005; Oliveira, 2008; Silva, 2012) e tendo em consideração a contínua existência de estudos internacionais sobre o perfil de personalidade de polícias (Abrahamsen & Strype, 2010; Bonifacio, 1991; Burbeck & Furnham, 1984; Gerber & Ward, 2011; Hennessy, 1999; Twersky-Glasner, 2005), parece ser importante continuar a investigar se existem traços de personalidade que contribuam para este perfil, até porque alguns podem ser protectores dos estados de desgaste físico e mental, bem como de algum nível de stress.

Este trabalho pretende, assim, verificar se os traços de personalidade procura de sensações (*sensation seeking*) e de impulsividade estão presentes numa amostra de polícias

portugueses, bem como verificar a correlação entre estas variáveis e a variação dos traços em função de características sociodemográficas (e.g., idade, sexo, estado civil, habilitações académicas, etc.) e profissionais (e.g., tempo de serviço, categoria profissional, etc.). Para atingir os objectivos propostos, começaremos por descrever o trabalho policial e todas as características e envolvências que o mesmo exige. Em seguida, será feita referência à noção de personalidade e de traços de personalidade, nomeadamente nos polícias. Posteriormente serão abordados os traços específicos procura de sensações e impulsividade, sendo mencionados também alguns estudos empíricos sobre estes. No final apresentaremos o estudo empírico efectuado a 199 polícias do Comando Metropolitano de Polícia de Lisboa, descrevendo o método utilizado e os resultados obtidos, terminando com algumas conclusões do estudo.

1.1. Trabalho Policial

Começamos por abordar o conceito de trabalho policial dos elementos policiais da Polícia e todas as circunstâncias e complexidades que o mesmo acarreta diariamente. Estando ciente que este tipo de trabalho é dos mais analisados e contestados pela população, sendo ao mesmo tempo constantemente avaliado também pela própria instituição, torna-se importante conhecer as vicissitudes do mesmo e da cultura policial em si, para compreender a personalidade dos seus elementos.

Actualmente a Polícia de Segurança Pública (P.S.P.) é uma força de segurança civil, uniformizada e armada, que mantém simultaneamente a sua identidade e autonomia, sendo uma instituição que se baseia no serviço público que presta à comunidade (Neves, 2001). As funções da Polícia são extremamente vastas e abrangentes, oscilando entre as campanhas preventivas e as acções repressivas, sendo que o estabelecimento de medidas preventivas reduz o número de acções repressivas. Nos últimos tempos a P.S.P., a actividade policial e os próprios elementos policiais, tem sido objecto de muitos estudos e investigados sobre diferentes perspectivas (Durão, 2006; Mendes, 2005; Oliveira, 2008; Silva, 2012). Destes prismas, o trabalho policial é aquele que vem sendo mais analisado por diversos autores, mas também aquele que é mais questionado pela sociedade, sendo inclusivamente pesquisado e avaliado pelos próprios cidadãos (MacDonald & Alpert, 1998). O contexto onde o trabalho é efectuado e as envolvências do mesmo, sendo as mais variadas e imprevistas, bem como o contacto com diferentes populações, faz com que o agente policial tenha que estar preparado para responder as diferentes situações que vai encontrar (Oliveira, 2008).

De uma forma geral pode-se dizer que o trabalho policial da P.S.P. envolve três vertentes fundamentais (Neves, 2001): a vertente do policiamento genérico, constituído por elementos em uniforme que desenvolvem acções de patrulha, seja apeada ou motorizada; a vertente do policiamento específico, que esta relacionado com agentes não uniformizados e que circulam em veículos comuns; e a vertente que corresponde as forças e unidades especiais (Mendes, 2005; Neves, 2001). O trabalho da polícia é muito diversificado, abrangente e imprevisível, mas ao mesmo tempo, é na actividade de policiamento que se encontra o símbolo mais visível da Polícia, o patrulheiro. A actividade do patrulheiro constitui a base do sistema operacional das forças de segurança, pois é o agente que lida com mais ocorrências, anda de forma mais visível no terreno e constitui a primeira forma de prevenção da actividade criminal, actuando também como uma garantia de segurança para as pessoas e prevenção de actos ilícitos (Mendes, 2005). O facto de o policiamento ser a forma mais visível e presente no trabalho policial, o mesmo também revela ser uma ocupação altamente stressante pelo facto de envolver um constante e permanente contacto com a criminalidade e outros actos ilícitos, mas também por ser realizado por turnos (Arter, 2008). As estratégias e técnicas criadas pelos agentes policiais como forma de “combater” esse desgaste e cansaço, por vezes são insatisfatórias, provocando mesmo emoções negativas e falta de adaptação aos horários (Arter, 2008).

A P.S.P. actual pauta-se por critérios organizacionais modernos, nos quais o desenvolvimento de políticas de prevenção, de segurança e de estabelecimento de parcerias comunitárias, estão aliados à reorganização dos seus serviços de forma a reduzir uma série de problemas sociais, a maioria ligada as questões de delinquência e violência juvenil, tendo em conta os novos modelos de policiamento (Peaslee, 2009). As grandes expectativas e excitação que o trabalho policial envolve, a procura de emoções e sensações fortes (Levenson, 1990) e o facto de alguns candidatos quererem satisfazer as necessidades emocionais que a actividade policial envolve (Rubinstein, 2006), leva a que exista uma grande motivação e interesse por parte dos aspirantes a concorrer a esta profissão. Contudo, devido a um conjunto de factores que envolvem todo o concurso, formação dos polícias e treino operacional, à medida que os agentes progredem na carreira e no tempo de serviço, essa motivação vai diminuindo, existindo mudanças significativas nas suas atitudes, motivações e empenho organizacional. Além de todas as circunstâncias que podem levar a esse tipo de situação e que podem estar associadas ao próprio polícia, outras podem estar relacionadas com a própria instituição. Assim, também é necessário que exista uma certa “socialização” e “integração” da instituição policial para com o agente que acaba de entrar na P.S.P. e um constante apoio para todos os elementos que já fazem parte da mesma (Van Maanen, 1975). Mas não basta ser só a

organização policial a proporcionar as condições favoráveis de adaptação, também tem que existir um certo cuidado na própria selecção dos candidatos. Como referem Simmers, Bowers e Ruiz (2003), a selecção de agentes da polícia é vital não só para a eficácia organizacional, mas também para a protecção de outros elementos policiais, bem como para a comunidade que é servida pelo seu trabalho. A personalidade e outras características individuais podem aqui desempenhar um papel relevante.

Para o cidadão comum, o agente policial é alguém que trabalha numa instituição policial, tem que garantir a segurança das populações, está legitimado a usar uma arma, a deter pessoas e a fazer uso da força quando é necessário, ficando esquecidas todas as outras envolventes, especialmente do ponto de vista pessoal e emocional (Mendes, 2005). Para cumprir a sua missão e o seu trabalho diariamente, existe um grande desgaste ao nível físico, mental e psicológico, pois esta actividade envolve o contacto com diversas situações de perigo. Apesar de todos os elementos polícias terem uma preparação física, psíquica e moral para o exercício da sua actividade, bem como um alargado conjunto de conhecimentos e aptidões profissionais, o trabalho que o polícia tem que realizar no seu dia-a-dia, releva-se muito desgastante e cansativo. Este stress leva mesmo a que exista uma certa insatisfação perante o mesmo (Kohan & O'Connor, 2002), pois existem algumas dúvidas, hesitações, ambiguidades e ambivalências que as situações de agir ou conter a sua acção suscitam e que não são satisfeitas pelas leis, o que provoca ansiedade e “mal-estar” no agente policial (Durão, 2006).

Existem ainda circunstâncias envolventes ao trabalho policial que vão desde o trabalhar por turnos, que impede um relacionamento familiar e afectivo adequado e comum à maioria das outras pessoas, o lidar com a incerteza do que pode vir a encontrar nas acções de policiamento, saber as horas a que vai entrar de serviço, mas não saber as horas de saída, enfrentar diferentes situações todos os dias, estar sempre em alerta para qualquer tipo de chamada e, lidar com a ansiedade decorrente da ameaça constante e imprevisível do perigo. Todas estas situações afectam o próprio polícia, pelo que este ambiente faz com que os polícias tenham que criar formas de lidar com estas dificuldades, criando mesmo uma cultura policial própria (Sheptychi, 1998) que consiste num conjunto de normas, valores, objectivos, padrões relativos à carreira e estilos de vida que são partilhados pelos elementos policiais e que são substancialmente diferentes do resto da sociedade (Oliveira, 2008).

Contudo, esta cultura não é suficiente para evitar o stress elevado nesta profissão. Existem estudos que se debruçam sobre a intensidade, a prevalência, as causas e os efeitos do stress nos agentes policiais (Brough, 2004; Euwema, Kop & Bakker, 2004; Lester, 1982; Ortega, Brenner & Leather, 2007). Num estudo realizado por Gershon, Lin e Li (2002), os

autores referem que os agentes policiais mais velhos apresentam níveis mais elevados de stress no trabalho e estão em risco elevado de terem graves problemas físicos, mentais, depressão e pensamentos suicidas. Num outro estudo realizado por Miller, Mire e Kim (2009), os autores referem que os agentes policiais mais novos estavam mais satisfeitos com o seu trabalho, comparativamente com os agentes mais velhos, não encontrando preditores significativos de satisfação no trabalho. Lester, Leitner e Posner (1985) referem que o stress é percebido de forma diferente entre os elementos policiais, e a forma como o stress é interpretado e percebido pode ter influência na forma como lidam com o mesmo posteriormente. Segundo este estudo, os agentes que se sentem menos controlados pelos outros, são os que revelam menos sinais de stress.

O stress também resulta do próprio plano organizacional da Polícia, e aqui, os factores de stress mais focados são as interações negativas com colegas, estatuto e carreira, falta de suporte institucional e tamanho da organização (Hurrell, 1995). A própria organização da Polícia pode ser algo disfuncional e não contribuir para que o polícia possa realizar o seu trabalho de uma forma eficaz e satisfazer as necessidades da população, bem como para reduzir muitas das críticas que são feitas à Polícia no seu dia-a-dia (Clark, 1970). Desta forma e como refere Leftkowitz (1977), é extremamente difícil prever o comportamento do polícia, na medida em que cada ano de experiência na organização expõe os agentes a influências poderosas que vão moldando as suas ideias, atitudes e comportamentos para com a população em geral e outras instituições sociais.

As estratégias que os polícias usam para fazer face ao stress e ansiedade do seu trabalho, têm-se revelado insuficientes. Ainda se verifica uma procura de ajuda técnica e profissional muito baixa, não falam com outras pessoas sobre os seus problemas, não aceitam a pena, não são pessoas de partilhar com outras pessoas as suas experiências profissionais e não falam do seu estado emocional (Evans, Coman, Stanley & Burrows, 1993; Hurrell, 1995). Os elementos policiais, apesar de lidarem bem com o stress no momento, mais tarde não sabem lidar com as consequências dessa situação, o que lhes pode vir a causar alguns problemas, sendo os mais visíveis, uma alta incidência de doenças diversas, períodos prolongados de absentismo, insatisfação laboral, *burnout* e reforma prematura (Evans et al., 1993). Por outro lado, também se podem verificar consequências na relação com a própria família do agente policial, existindo assim um conflito entre trabalho e família. Mikkelsen e Burke (2004) referem ter encontrado valores significativos no conflito trabalho-família, dificuldades na conciliação de tempo para estar com a família, bem como consequências ao nível da saúde psicológica e física do elemento policial.

O facto de a maioria dos agentes policiais terem que trabalhar por turnos e terem que fazer outros serviços extras, pode levar a que próprio sistema metabólico do agente seja afectado, surgindo o cansaço, devido a dormir pouco e a falta de apetite como indicadores visíveis desse desgaste (Violanti et al., 2009). Para ultrapassar estas dificuldades, surgem estudos que referem que o uso e consumo de álcool é utilizado como forma de ajudar a ultrapassar o desgaste do trabalho policial (Stacy, Newcomb & Bentler, 1991).

Outro aspecto que vem sendo associado ao trabalho policial é a agressividade. Não conseguindo de certa forma superar o stress causado pelo seu trabalho, parece haver um acréscimo da agressividade com o passar dos anos na força policial (Beutler, Nussbaum & Meredith, 1988). Por vezes o polícia é visto como tendo um certo autoritarismo e uma má conduta policial nas suas intervenções, o que pode ser resultante do desgaste ao longo dos tempos. Contudo, devido ao facto de o polícia ter que lidar com comportamentos violentos na sua prática diária e ter que reagir relativamente a esses comportamentos, pode leva-lo a reagir de forma agressiva a estímulos provocadores de alguma agressividade (Lersch & Mieczkowski, 2005). Num estudo realizado por Henkel, Sheehan e Reichel (1997) os autores não encontraram traços de autoritarismo nem má conduta policial, por parte dos elementos policiais. Esta maior agressividade perante algumas situações pode fazer parte da própria cultura policial e do treino de algumas unidades policiais. Num estudo realizado por Williams e Westall (2003) nos E.U.A. no Departamento de Polícia da “Special Weapons and Tactics” (SWAT), estes autores analisaram o uso da força pela SWAT, tendo verificado que estes agentes podem ser socializados para usar a força como resultado de situações perigosas que frequentemente encontram na sua actividade diária, sendo portanto, mais propensos a usar a força noutra tipo de situações. Os resultados deste estudo, no entanto, indicaram que não havia uma relação significativa entre agentes SWAT e o uso da força. Isto é coerente com o que refere Zuckerman (1994), pois o traço de procura de sensações está directamente relacionado com atitudes liberais, permissivas e relacionado negativamente com atitudes conservadoras e punitivas e com o traço de autoritarismo.

A ansiedade que o trabalho policial causa nos seus agentes e o facto de os mesmos andarem armados durante o horário de serviço e, mesmo fora das horas de serviço, pode ser visto como perigoso quer para o próprio elemento, quer para a restante população. A este respeito, Nieuwenhuys e Oudejans (2010) referem que altos níveis de ansiedade influenciam o comportamento dos polícias quando estão sobre pressão, destacando-se por exemplo quando tem que fazer uso da sua arma, quando é preciso algemar um suspeito ou quando inesperadamente são confrontados com um adversário armado e perigoso. Este facto pode vir a influenciar quer o agente policial, quer o serviço que tem que prestar.

O trabalho policial envolve também um grande conjunto de factores que podem influenciar e alterar os comportamentos do agente policial, podendo essas alterações ser ao nível do plano cognitivo, ao nível social, bem como nas suas relações interpessoais. Por muito que o agente se tente afastar disto e separar os diferentes planos, existe todo um conjunto de factores inerentes à sua profissão que vão contribuir para alterar e modificar toda a sua personalidade (Oliveira, 2008). Mas num mundo cada vez mais em mudança e em constante evolução, com novos desafios e ameaças quer para as populações quer para os polícias, surge cada vez mais a necessidade de examinar o papel da polícia nesta era de insegurança (Ransley & Mazerolle, 2009).

Dado que cada polícia tem uma forma idiossincrática de se relacionar com o mundo, de reagir e de proceder em cada ocorrência, é fundamental ter em conta as diferenças individuais de cada elemento policial na interpretação das situações que podem causar algum stress, bem como na diversidade de escolha de estratégias de “coping” para lidar com as mesmas (Ramos, 2001), podendo os traços de personalidade constituir uma dessas diferenças individuais e ajudar a melhor compreender o perfil de personalidade do polícia e traços desse perfil que sejam protectores do stress.

1.2. Personalidade e traços de personalidade

Neste ponto pretendemos abordar os conceitos de personalidade e de traços de personalidade, para em seguida referir alguns estudos sobre traços de personalidade de polícias.

1.2.1. Conceitos e definições

Apesar de no senso comum a personalidade ser considerada como “a maneira de ser” das pessoas, na Psicologia a personalidade não é abordada como um elemento estático da composição humana, mas como uma organização dinâmica, fruto de uma movimentação progressiva do ser humano (Hansenne, 2004). Desta forma, pode-se dizer que o processo de constituição da personalidade é gradual, complexo e único a cada indivíduo, determinando a sua individualidade pessoal e social.

Existem inúmeras definições do conceito de personalidade, mas como refere Queirós (1997), não existe uma definição universalmente aceite, apesar de existir unanimidade em considerar a personalidade como algo estável, único e específico que caracteriza e permite distinguir o indivíduo, conferindo-lhe uma identidade através de um conjunto de

características biopsicossociais estáveis, designadas por traços e que são pouco influenciáveis pelo meio. Do grande volume de estudos e investigações acerca da personalidade, surgiram uma multiplicidade de conceitos associados à sua definição (temperamento, carácter, traço, tipo, dimensão), tendo o significado desses conceitos, variado de acordo com os pressupostos teóricos utilizados (Oliveira, 2008).

A noção de traço de personalidade encontra-se historicamente ligada à explicação, à diferenciação e à criação de taxionomias da personalidade e tal como a noção de personalidade, também apresenta uma grande diversidade de definições. Mas pode-se dizer que foi com o aparecimento da recolha de dados em Psicologia e com a utilização de técnicas estatísticas para o tratamento e posterior análise desses dados, que no século XX se iniciaram as pesquisas científicas sobre os traços de personalidade (Oliveira, 2008). Este avanço permitiu que fossem desenvolvidas teorias testáveis sobre os traços e sobre o número de traços que constituem ou fazem parte da personalidade. Para Allport (1973), os traços são referidos como as unidades básicas da personalidade, facultando estabilidade à personalidade do indivíduo, conferindo-lhe individualidade e singularidade, e podem ser definidos de acordo com três propriedades: frequência, intensidade e variedade de situações. Assim, os traços seriam disposições generalizadas da personalidade que explicam as regularidades no funcionamento do sujeito em diversas situações. Willerman e Turner (1979, in Oliveira, 2008) referem que os traços de personalidade constituem a unidade base da personalidade, pois o traço seria estável ao longo de diferentes situações, permitindo dessa forma prever o comportamento dos indivíduos. Segundo estes autores, para resumir o comportamento de uma pessoa, ao dizer que esta ansiosa, agressiva, faladora ou deprimida, estes atributos podem referir-se quer a diferentes características entre pessoas (traços) ou a flutuações temporárias e disposições do mesmo indivíduo (estados). Eysenck e Wilson (1976), referem que a dúvida que surge em relação aos traços ou estados é uma distinção a ter logo em conta quando se pretende definir personalidade, bem como, quais os conceitos que a constituem. Para estes autores, a personalidade está especialmente associada às características permanentes do indivíduo, ou seja, mais a traços do que a estados.

Pervin (1994) refere que os traços de personalidade são conceitos com uma natureza relativamente estática, não possuindo capacidade para descrever ou explicar o funcionamento da personalidade como um sistema dinâmico. O mesmo refere Block (1995), ao afirmar que apesar de existir uma consistência de comportamentos em função do tempo e das circunstâncias, o conhecimento dos traços de personalidade não permite explicar de uma forma satisfatória como a personalidade do sujeito funciona e influencia o seu comportamento. Por outro lado, Mischel e Shoda (1998) sugerem uma concepção

interaccionista da personalidade, propondo a ideia de que a personalidade resulta da interacção entre os seus processos dinâmicos e os traços que a exprimem.

Verifica-se que diferentes autores apresentam definições muito próprias em relação aos traços, à sua natureza e à sua influência sobre o comportamento dos indivíduos. Mas a compreensão e identificação dos traços de personalidade é fundamental para prever, explicar e resumir o comportamento de um indivíduo, visto que o conceito de traço vem sendo alargado, e a incluir conceitos como motivação, emoções e comportamento na explicação da personalidade humana (Buss, 1989; McCrae & Costa, 1997). Assim, segundo alguns autores (Bandura, 2001; Mischel, 2004), os traços funcionam como perfis comportamentais que determinam as acções futuras de um sujeito, embora essas acções resultem dos diferentes contextos onde ele está inserido e com quem se relaciona.

Mas se existem diferentes formas de responder e abordar o mesmo tipo de situação, é importante identificar se existem alguns traços característicos que possam explicar essas diferenciadas respostas e esses distintos procedimentos. Segundo Buss (2009) podem existir traços de personalidade que podem facilitar a adaptação ao meio onde o indivíduo está inserido e ter influência no comportamento exibido. Desta forma, os traços de personalidade teriam um impacto constante no tipo de comportamento evidenciado pelo sujeito, bem como nas suas respostas, existindo uma interacção em traços e comportamento (Buss, 1989). Outro autor (Ekehammer, 1974), a este propósito refere que o comportamento dos sujeitos é o resultado das interacções entre as disposições e as diferentes situações com o qual tem que lidar.

Parece consensual, pelas definições apresentadas de diferentes autores, que o traço de personalidade é uma diferença individual estável, quer do ponto de vista temporal, quer situacional, tendo influência nas acções praticadas pelo indivíduo. Mas a compreensão da personalidade humana e dos traços que a constituem não é simples, devido à complexidade e à grande variedade dos elementos que a compõem, gerados por múltiplos determinantes, tanto biológicos como psicológicos e sociais (Oliveira, 2008).

1.2.2. Traços de Personalidade de polícias

Ao longo das últimas décadas tem sido evidente a importância do estudo da actividade profissional dos elementos da Polícia de Segurança Pública (P.S.P.), bem como do comportamento do elemento policial durante a realização do seu trabalho diário (Durão, 2006). Apesar de já existirem estudos portugueses sobre a personalidade do polícia (Melo, 2009; Mendes, 2005; Oliveira, 2008; Vieira, 2005), o tema do perfil psicológico do polícia,

como já referido, continua a suscitar interesse (Abrahamsen & Strype, 2010; Gerber & Ward, 2011), sobretudo na tentativa de identificar traços protectores do stress ocupacional.

No que se refere à existência de traços de personalidade específicos à profissão de polícia, Goldstein (1968), foi um dos primeiros autores a defender que é possível identificar valores, atitudes e traços de personalidade comuns a muitos agentes das forças de segurança e que, em última análise, permitem compreender como as organizações policiais funcionam. O mesmo foi referido por Lester e colegas (1980), num estudo realizado para identificar traços de personalidade idênticos entre polícias ingleses e americanos, tendo sido encontrados traços como a autonomia, a resistência, o controle e a mudança, como comuns entre os elementos das duas forças policiais. Apesar de terem sido encontrados traços de personalidade idênticos entre os polícias, para Biggam e Power (1996), o polícia não é diferente da população geral em relação ao seu estado emocional, apesar de reconhecerem que existem diferenças dentro do “grupo” polícia. Segundo estes autores, estas diferenças podem ser provenientes da questão demográfica, das características ocupacionais do seu trabalho, do sexo, estado conjugal, da função atribuída ao polícia, cargo que ocupa, do local do seu trabalho e da satisfação geral em relação ao seu trabalho. Os traços típicos da personalidade do polícia seriam completados com o treino policial e com a modelagem a uma subcultura específica, (Sheptychi, 1998) que resulta da especificidade do trabalho policial, das imposições do sistema organizacional das forças policiais e, de todo um conjunto de regras pelo qual o agente da polícia tem que se orientar.

O conjunto de circunstâncias e características que determinam e influenciam a actividade profissional dos polícias, leva por vezes a que o polícia seja visto como sendo autoritário, dogmático, suspeito, racista, hostil, inseguro e cínico (Richardsen, Burke & Martinussen, 2006). A este propósito, Bannish e Ruiz (2003) referem que no caso de elementos policiais com traços muito vinculados de autoritarismo, cinismo, desconfiança, impulsividade e agressividade, e sofrendo também de uma influência da própria subcultura da polícia, nomeadamente nos aspectos ligados à apologia do heroísmo, do secretismo e da autonomia, podem surgir ou exacerbar eventuais perturbações de personalidade anti-sociais. Na opinião destes autores, o facto de estes elementos evidenciarem estes traços pode ser uma das explicações para certos casos de desvio das normas de determinados polícias, como comportamentos agressivos, uso excessivo da força, actos ilícitos e até corrupção.

Outro aspecto bastante estudado e ligado a actividade policial tem a ver com o traço de cinismo. Alguns estudos têm demonstrado que muitos polícias se revelam cínicos como resultado do seu desempenho na actividade profissional diária, ou seja, duvidam da sinceridade humana e das acções altruístas que o ser humano pode evidenciar (Richardsen,

Burke & Martinussen, 2006). Estas atitudes cínicas podem resultar da falta de apoio da organização policial, mas também da própria forma como a população valoriza e reconhece o seu trabalho. Daqui resulta que um outro atributo também descrito a propósito da personalidade do polícia é a desconfiança, pois ao longo da sua permanência na instituição e no decorrer das suas carreiras profissionais, os agentes da polícia demonstram um aumento deste traço (Matarazzo, Allen, Saslow & Wiens, 1964). Este resultado foi também recentemente encontrado por Sun, Sobol, Cretacci e Phillips (2010), ao compararem os comportamentos e atitudes dos polícias cadetes chineses e polícias cadetes americanos, tendo os cadetes chineses evidenciado mais sinais de desconfiança em relação aos cidadãos.

Apesar de algumas vezes o trabalho policial não ser valorizado pela maioria das pessoas e o agente policial ser considerado como o “mau da fita”, Mills e Bohannon (1980), descrevem o polícia com sendo confiante, sociável, relacional, estável, assertivo, aventureiro e com uma apetência para a procura de poder, atributos que se revelam extremamente desejáveis para o desempenho das funções policiais. Outro autor, (Trojanowicz, 1971), refere que o perfil do polícia se caracteriza por uma preferência em trabalhar num ambiente estruturado, prefere rotinas e gosta de orientar e ajudar o comportamento dos outros, o que pode contrariar a imagem de agressividade e de cinismo dos polícias relativamente às outras pessoas.

Como forma de prevenir e corrigir alguns atributos e traços que são associados aos elementos policiais, a implementação de testes de personalidade, de testes de inteligência, de avaliação psiquiátrica (Coulton & Feild, 1995), bem como a realização de um perfil psicológico no momento da selecção dos candidatos a uma carreira policial (Lough & Ryan, 2010), podem revelar-se numa ferramenta útil quer na avaliação do próprio polícia, quer na protecção da sua imagem futura. A este propósito, Sanders (2008) refere que cada vez é mais importante, no processo de selecção de agentes de polícia e tendo em vista um bom exercício profissional nessa profissão, conhecer os traços de personalidade que podem ser indicadores de um bom desempenho policial futuro.

A visão que os polícias são um grupo distinto em relação à população em geral, resulta também de algum isolamento por parte deles, das suas próprias famílias, bem como de um processo de socialização inerente ao emprego e a organização policial a que pertencem (Leftkowitz, 1975). Pela constante exposição ao perigo, pela necessidade de usar a força e autoridade para reduzir situações ameaçadoras, ter que lidar com condições adversas por vezes, com a ansiedade e com o stress (Siegel, 2010), a personalidade do polícia vai sendo afectada por todos estes factores. Assim, o desenvolvimento de atitudes negativas pelos polícias pode ter um efeito prejudicial no seu desempenho profissional e os próprios polícias

revelam ser extremamente sensíveis as avaliações das outras pessoas, mantendo mesmo uma posição defensiva relativamente as críticas públicas. Apesar de os polícias desenvolverem traços de personalidade únicos que os podem distinguir do cidadão comum, levando a que exista uma personalidade típica do polícia (Siegel, 2010), também existem diferenças entre eles quer no desempenho do seu trabalho, quer na resolução de conflitos relacionados com a sua actividade profissional (Abrahamsen & Strype, 2010). Ao ingressar na organização policial é estabelecida uma ligação entre o agente de polícia e a instituição, devendo existir por parte dela as condições para ele realizar o seu trabalho de uma forma satisfatória (Morais & Paula, 2010). Contudo, a personalidade dos elementos policiais, assim como o seu sistema de valores influenciam igualmente, e de forma determinante, o estilo de funcionamento organizacional da própria instituição policial. Assim, espera-se também que o elemento policial, para além de uma sólida formação legal, ética, profissional e técnica, possua traços de personalidade que lhe proporcionem a ponderação, o bom senso e a humanidade para exercer adequadamente as suas funções (Oliveira, 2008). Não nos podemos esquecer que a sociedade espera que os elementos polícias desempenhem a sua função de uma forma eficaz e que garantam a segurança da população, sendo para isso necessário que em primeiro lugar, o próprio agente esteja em condições de o fazer. Assim, é necessário que o polícia tenha recursos individuais e institucionais que lhe permitam desempenhar o seu papel profissional.

Tendo abordado os traços de personalidade de polícias, consideramos pertinente avançar para as descrições específicas dos traços de procura de sensações e impulsividade, que escolhemos por nos parecerem pertinentes para resistir ao stress (a procura de sensações) e afectar o desempenho profissional (a impulsividade, que em situações de emergência pode prejudicar a correcta tomada de decisão), bem como por teoricamente estarem relacionados (Zuckerman, 1994).

1.3. Traço de Personalidade Procura de Sensações

Neste ponto pretendemos abordar o conceito de traço de personalidade procura de sensações, dando conta de algumas das suas definições. Seguidamente serão descritos alguns estudos empíricos envolvendo este traço em elementos policiais.

1.3.1. Definição de Procura de Sensações

Alguns traços de personalidade tem sido objecto de inúmeros estudos e dentro desses traços, destaca-se o traço de procura de sensações como um dos que tem sido alvo de mais

investigações. Este traço foi originalmente referido como “sensation seeking”, tendo sido definido por Zuckerman (1990) como um traço humano que se caracteriza pela necessidade da procura de sensações intensas, novas, variadas e complexas, associada à disposição para assumir riscos físicos e sociais por causa dessa disposição. Para Arnett (1996), o traço de busca de sensações é um traço de personalidade caracterizado pela extensão do desejo de uma pessoa para a novidade e da intensidade de estimulação sensorial. Foi a partir dos trabalhos sobre reacções perante situações de privação de estímulos, que Zuckerman (1979) previu a existência de uma variável de personalidade que faz referência à necessidade de experiências e sensações novas e variadas, bom como à disposição para assumir riscos físicos e sociais para conseguir alcançar tais experiências. Em 1994, Zuckerman (1994, p.27) definiu o traço como “*procura de sensações e experiências novas, variadas, complexas e intensas e pela vontade de assumir riscos físicos, sociais, legais e financeiros para poder ter essa experiência*”, sendo constituído por quatro dimensões: Procura de Emoção e Aventura (TAS), Procura de Experiências (ES), Desinibição (DIS) e Intolerância ao Aborrecimento (BS). A Procura de Emoção e Aventura expressa o desejo de participar em desportos ou outras actividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade (e.g., pára-quedismo, mergulho, alpinismo). A Procura de Experiências descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, actividade intelectual ou sensorialmente estimulante (e.g., música, arte, viagens) ou através de actividades sociais não-conformistas como a associação a grupos postos de parte pela sociedade convencional (e.g., artistas, hippies, homossexuais). O factor Desinibição descreve a preferência por actividades que promovam a socialização (e.g., festas, consumo de álcool e outras substâncias, variedade de parceiros sexuais). Por último, o factor Intolerância ao Aborrecimento que se refere à intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia.

Na origem dos comportamentos de procura de sensações podem estar estados de excitação psicofisiologia excessivamente baixos, que resultam da exposição a ambientes invariantes ou monótonos e que levam a pessoa à busca de estimulação mais intensa, ou estados de exagerada estimulação que levam a tentativas de redução do nível de excitação (Zuckerman, 1994). Assim, os indivíduos com valores elevados de procura de sensações teriam tendência para escolher comportamentos que aumentassem a quantidade de estimulação. Desta forma, os sujeitos com valores mais altos do traço de procura de sensações tendem a uma maior procura de situações novas e de experiências intensas, aceitando a incerteza e o risco e, antevendo uma maior satisfação neste tipo de situações (Zuckerman, 1994). Mas este construto não é tido apenas como um necessidade individual de experimentar

situações de risco e experiências novas, mas também esta inserido na própria socialização que vem sendo avaliada enfaticamente nos últimos anos, como condição essencial da construção da realidade social (Formiga, Aguiar & Omar, 2008). O traço de procura de sensações implica uma abertura para a experiência, e os indivíduos que obtêm resultados altos no traço têm inclinação para vivenciar e experienciar de uma forma activa e intensa a complexidade dos estímulos (Oliveira, 2008).

Diversos estudos têm relacionado o traço de procura de sensações com comportamentos de risco, como o uso de drogas, consumo de álcool, experiências sexuais, e com outro tipo de comportamentos como a condução a altas velocidades, prática de desportos radicais, preferências vocacionais, entre outros. Para Bratko e Butkovic (2003) este traço pode ser associado a determinados comportamentos de risco, tais como o comportamento sexual, abuso de álcool, jogo, consumo de droga e na prática de desportos radicais. Ainda segundo estes autores, 58% da percentagem do traço de busca de sensações é hereditário, sendo que os outros 42% seriam derivados de outros factores externos. Este traço também foi associado à condução a altas velocidades (Homant, Kennedy & Howton, 1994; Jonah, Thiessen & Au-Yeung, 2001), sendo relacionado com jovens que procuram altos níveis de estimulação, existindo assim uma correlação positiva significativa entre o traço de procura de sensações e a atitude mediante a velocidade (Whissell & Bigelow, 2003). O mesmo foi encontrado por Haynes, Miles e Clements (2000), ao verificarem que o traço busca de sensações estaria relacionado como o nível óptimo de estimulação e com o nível ideal de excitação.

Outro autor (Arnett, 1996), refere que o traço de procura de sensações está mais presente na adolescência do que na idade adulta e que isso poderia explicar o desenvolvimento de uma conduta sem preocupações e sem avaliar as consequências dos actos, justificando assim, alguns comportamentos típicos dos jovens e da própria adolescência. Este tipo de comportamento imaturo não seria hereditário, sendo apenas predisposições para a procura de sensações e para a manifestação de comportamentos agressivos que se vêem nos adolescentes. O mesmo refere Zuckerman (1994) ao afirmar que este traço apresenta correlações negativas com a idade, sendo que os valores mais altos são apresentados na fase final da adolescência, verificando-se a partir desse momento uma diminuição estável e progressiva.

Relativamente às atitudes e experiências sexuais, Zuckerman (1994) refere que indivíduos com maiores níveis de procura de sensações têm atitudes sexuais mais liberais e uma maior diversidade de experiências e de parceiros sexuais, sobretudo no sexo masculino. Outros autores (Turchik, Garske, Probst & Irvin, 2010) também referem que a procura de sensações pode estar relacionada com variáveis da personalidade dos indivíduos e com variáveis da própria sexualidade.

A procura de sensações, também está relacionada com actividades tentadoras, estimulantes, de aventura e com desportos de risco (Zuckerman & Kuhlman, 2000). Neste tipo de actividades, os sujeitos apresentam um tipo de comportamento onde evidenciam características impulsivas ou descontroladas (Aluja, Garcia & Garcia, 2003; Knust & Stewart, 2002). Estando relacionada com este tipo de características, para Glicksohn e Abulafia (1998), a procura de sensações deveria ser dividida em impulsividade controlada e impulsividade sem orientação ou descontrolada. Rosenbloom (2006) estudou o comportamento dos peões, e verificou que os peões que atravessam as ruas com o sinal vermelho possuem significativamente maior presença do traço global e da dimensão procura de emoção e aventura (TAS), quando comparados com peões que cumprem a sinalética luminosa.

1.3.2. Procura de Sensações em polícias

Segundo Zuckerman (1994) as pessoas que procuram sensações mais intensas preferem profissões de risco (e.g., Polícia), pois elas proporcionam experiências novas e oferecem estimulações e sensações extremamente atractivas para elas. Sendo que os indivíduos que procuram estas experiências e têm profissões consideradas de risco, procuram ainda nos seus tempos livres, outras sensações de risco adicionais. São vários os estudos que têm comprovado a existência de correlações elevadas entre o comportamento de procura de sensações e de emoções fortes e determinadas profissões consideradas de risco, como os polícias (Dorn & Brown, 2003; Gomà-i-Freixanet & Wismeijer, 2002; Girodo, 2007; Homant, Kennedy & Howton, 1994; Levenson, 1990). Pelo facto de o trabalho da polícia passar por uma certa rotina diária e por vezes alguma monotonia, existe uma necessidade de alterar essa situação, sendo que a procura de sensações novas e estimulantes constitui uma forma de o conseguir, estando mesmo correlacionada negativamente com a satisfação no trabalho monótono (Zuckerman, 1994). Por outro lado, segundo alguns autores (Reio Jr. & Sanders-Reio, 2006), a procura de sensações é importante no contexto profissional, pois está comprovado que exerce uma decisiva influência numa variedade de comportamentos, influenciando os desempenhos laborais em termos técnicos e ao nível das relações interpessoais, sobretudo quando os “sensation seekers” se encontram desmotivados.

Num estudo sobre perseguições a alta velocidade efectuadas por veículos de polícia nos Estados Unidos da América (Homant, Kennedy & Howton, 1994), os autores verificaram que a função policial encerra em si uma certa dose de risco, tendo encontrado uma apetência por comportamentos de risco na condução em 75% dos agentes inquiridos, assim como correlações entre esta actividade de risco e o traço de procura de sensações. Num outro

estudo, Dorn e Brown (2003) verificaram que apesar dos policiais, nomeadamente os que conduzem carros patrulha, terem percepção do risco que correm quando estão de serviço ou quando efectuam perseguições, têm uma narrativa muito própria na tentativa de minimizar a sua culpa quando ocorre algum tipo de acidente. Demonstraram estar muito conscientes dos perigos que encontram na estrada, mas por outro lado, conseguem arranjar mecanismos e formas de diminuir a sua culpa nos acidentes em que estão envolvidos, atribuindo a responsabilidade a outros factores, melhorando desta forma a sua imagem perante o público. Este comportamento leva a que exista um maior apoio por parte dos cidadãos na ajuda que prestam aos policiais na captura de alguns suspeitos (MacDonald & Alpert, 1998), bem como nalgum tipo de perseguição a suspeitos da prática de algum crime, apoio que varia em função do tipo de crime praticado e da sua gravidade.

Gomà-i-Freixanet e Wismeijer (2002) estudaram uma amostra de agentes da polícia espanhola com funções de guarda-costas “*bodyguards*”, tendo verificado que estes policiais diferiam de outros grupos profissionais (bombeiros e seguranças) e da população em geral, pois dentro das forças policiais, estes elementos operacionais são dos que mais se expõem a situações de risco físico, sendo estas funções exercidas em proveito de outros. Como consequência, têm uma baixa intolerância ao aborrecimento ou, analogamente, uma alta tolerância à monotonia, o que permite ao sujeito com este perfil manter altos níveis de atenção mesmo em condições ou circunstâncias monótonas. Outros autores (Glicksohn & Bozna, 2000) depois de terem estudado uma amostra de policiais israelitas peritos em inactivação de explosivos, chegaram à conclusão de que também estes profissionais entram em actividades de alto risco de forma proactiva, exibindo níveis de procura de sensações elevados. Assim, segundo Gomà-i-Freixanet e Wismeijer (2002), o polícia tende a procurar sensações, nomeadamente a procura de emoções e aventura, e a assumir riscos físicos de natureza prosocial.

Num estudo realizado por Girodo (2007), com agentes das Forças Especiais de Crimes Violentos e de Fugitivos da Polícia (SWAT) nos Estados Unidos da América, este autor analisou a relação entre traços de personalidade, organização cognitiva de segurança e recursos de sobrevivência policial em situações de risco, tendo verificado que os agentes que cometiam mais erros de segurança e de sobrevivência eram aqueles que apresentavam níveis mais baixos de neuroticismo e de procura de sensações. Assim, o cometimento de erros policiais de alto risco está relacionado com uma ausência generalizada de preocupação e de apreensão (neuroticismo baixo) e, com uma fraca necessidade de obter prazer através do controlo de ambientes de alto risco (procura de sensações baixa).

As funções policiais são extremamente variadas e diversificadas, o que pressupõe que existam momentos de grande tensão e perigo que agradam aos sujeitos que exibem um traço de procura de sensações elevado. Assim, segundo Zuckerman (1994), a subescala de procura de aventura e emoção (TAS) é a que melhor se associa a profissões de risco como a polícia, sendo que a baixa susceptibilidade ao aborrecimento seria explicada pelas características da função policial que implicam uma certa dose de rotina. Desta forma, os sujeitos mais aptos para o desempenho destas funções, são aqueles que apresentam um traço de procura de sensações mais elevado.

A análise dos estudos a nível nacional sobre a procura de sensações em polícias (Melo, 2009; Mendes, 2005; Oliveira, 2008; Vieira, 2005) confirma este padrão de maior procura de aventura e emoção e boa tolerância ao aborrecimento nos elementos policiais, apresentando valores semelhantes aos de estudos internacionais. Contudo, noutros estudos realizados com polícias afectos à Polícia Municipal do Porto (P.M.P.) (Silva, 2012; Silva & Queirós, 2011), os seus elementos apresentam baixíssimos níveis de procura de sensações, o que contraria os resultados geralmente obtidos para elementos das forças policiais. Estes resultados resultam das tarefas associadas às polícias municipais que são bastante específicas, sendo mais tarefas administrativas e não tendo um contacto tão directo com situações de crime e desordens públicas, estando mais relacionadas com a imposição das decisões municipais e pela fiscalização da boa ordem do espaço público. Os resultados evidenciam a profunda disparidade que podemos encontrar entre as forças policiais eminentemente voltadas para a prossecução de criminosos e prevenção criminal com as que desenvolvem tarefas administrativas, sugerindo perfis psicológicos diferentes ou efeitos diferentes da cultura policial, ou seja, discutindo os conceitos de personalidade inata ou predisposicional de Bonifácio (1991).

1.4. Traço de Personalidade Impulsividade

Neste ponto do trabalho vai ser abordado o conceito de impulsividade enquanto traço de personalidade, para em seguida serem descritos alguns estudos empíricos sobre impulsividade em elementos policiais.

1.4.1. Definição de Impulsividade

O traço de personalidade impulsividade é um constructo psicológico importante que aparece nas caracterizações da personalidade. Apesar de ser um conceito que apresenta

múltiplas definições (Gerbing, Ahadi & Patton, 1987) e ser considerado multifactorial (Evenden, 1999), é um traço geralmente definido como a tendência para responder rápido demais a um determinado estímulo, sem análise e avaliação das consequências dessa mesma resposta (Buss & Plomin, 1975, in Oliveira, 2008). Moeller, Barratt, Dougherty, Schmitz e Swann (2001) descreveram a impulsividade como uma predisposição para as reacções rápidas e não planeadas, relativas a estímulos internos ou externos, sem ter em conta as possíveis consequências negativas destas reacções tanto para o sujeito como para os outros.

Outros autores (Reynolds, Ortengren, Richards & De Wit, 2006) referem que a impulsividade é um conceito multidimensional definido como incapacidade para esperar, tendência para agir sem planeamento, insensibilidade relativa às consequências dos actos e, inabilidade para inibir comportamentos impróprios. Esta propensão para responder rápido demais, pode ser, como refere Zuckerman (1993), devido a uma falha nos sistemas inibitórios do comportamento e na antecipação de consequências negativas dessas condutas. Pelo facto de existirem acções mal concebidas e que podem acarretar resultados indesejados para o indivíduo, a impulsividade é um traço que tem um papel importante no comportamento normal do sujeito, bem como em doenças mentais. Assim, é essencial compreender quais os factores que influenciam este traço que tem uma importância considerável no comportamento humano dentro de um contexto social (Orozco-Cabal, Barratt & Buccello, 2007).

Na tentativa de explicar este conceito como tendo uma base biológica, alguns estudos sugerem que vários mecanismos neuroquímicos podem influenciar a impulsividade e que o comportamento impulsivo não tem base neurobiológica única, estando relacionado com diferentes facetas do comportamento (Evenden, 1999). Estudos de potenciais evocados têm demonstrado amplitudes P300 reduzidas em estudantes universitários impulsivo-agressivos (Gerstle et al., 1998), o que contribui para a noção de que a impulsividade parece estar relacionada com a noção de “*underarousal*” fisiológico, e em indivíduos dependentes de cocaína (Moeller, Barratt, Fischer, Dougherty, Reilly, Mathias & Swann, 2004), que apresentam aumento da impulsividade e amplitude P300 reduzida. Noutro estudo, Gudjonsson e Sigurdsson (2010), referem que a impulsividade quando presente em indivíduos diagnosticados com sintomas de défice de atenção e hiperactividade (TDAH) tem implicações no que se refere a capacidade de lidar com a Polícia, nomeadamente nos interrogatórios policiais. Assim, e segundo estes autores, esta possível “relação” pode ser interpretada como uma potencial vulnerabilidade psicológica, porque pode colocar testemunhas, vítimas e suspeitos em desvantagem para lidar com as características dos inquéritos policiais.

Para Zuckerman (1994), a impulsividade tem correlações significativas com o traço de procura de sensações, sobretudo no que diz respeito às dimensões impulsivas relacionadas

com a falta de planeamento e com a adopção de comportamentos de risco. Também é associada à excitação e as mudanças de estados de excitação ao longo do dia, apesar de Anderson e Revelle (1994) defenderem que não existe relação significativa entre diferentes ritmos de excitação e diferentes tipos de impulsividade.

Diversos estudos têm também abordado a relação entre a impulsividade e a agressividade, tendo demonstrado que estes conceitos são difíceis de separar (Barratt & Slaughter, 1998; Barratt, Stanford, Dowdy, Liebman & Kent, 1999; Vigil-Colet & Codorniu-Raga, 2004; Forero, Pujol, Olivares & Pueyo, 2009). Num estudo sobre agressividade e impulsividade, Hoaken, Shaughnessy e Pihl (2003) referem que os indivíduos que têm défices nas funções executivas cognitivas (EFC) são mais agressivos, porque são incapazes de inibir comportamentos impulsivos. Outros autores (Houston & Stanford, 2001) consideram que os sujeitos impulsivos apresentam uma maior dificuldade no controlo comportamental numa situação de irritação ou preocupação. Assim, a impulsividade parece assumir um papel determinante na expressão de vários tipos de agressividade (Houston & Stanford, 2001). Outros autores (Barratt & Slaughter, 1998) falam em agressividade premeditada e agressividade impulsiva. Segundo Prado-Lima (2009), a agressividade impulsiva pode ser entendida como o limiar mais baixo para a activação de respostas agressivas a estímulos externos, sem que seja feita uma reflexão adequada sobre as consequências aversivas do comportamento. O desequilíbrio entre os impulsos límbicos ascendentes exercido por estruturas como a amígdala e os mecanismos de controle pré-frontais descendentes, poderiam ser a razão de um comportamento agressivo-impulsivo (Prado-Lima, 2009).

Alguns estudos (Dick, Smith, Olausson, Mitchell, Leeman, O'Malley & Sher, 2010; Fox, Bergquist, Gu & Sinha, 2010) tentaram perceber se existe uma relação entre a impulsividade e o consumo de álcool, sendo referido que o consumo de álcool aumenta os actos impulsivos. O traço de impulsividade também é associado ao trauma na infância e ao comportamento suicida (Braquehais, Oquendo, Baca-García & Sher, 2010) dos adolescentes e adultos, pois o trauma precoce, prolongado e grave, também é conhecido por aumentar a impulsividade, diminuindo assim a capacidade do cérebro para inibir as respostas negativas para algumas acções e para controlar e modular emoções. Alguns estudos neurobiológicos sustentam que os maus-tratos na infância podem levar a uma falha persistente dos processos inibitórios geridos principalmente pelo córtex frontal (Prado-Lima, 2009). Este traço também foi associado aos fumadores (Mitchell, 1999), tendo sido demonstrado que os fumadores regulares eram mais impulsivos. No que se refere a relação entre o comportamento impulsivo e o consumo de drogas, alguns estudos referem que existe uma maior propensão e uma maior

vulnerabilidade para o consumo e abuso de drogas por parte de indivíduos impulsivos (Perry & Carroll, 2008).

Apesar do traço de impulsividade e o traço de procura de sensações serem associados a um maior risco para consumo de drogas ou outros tipos de substâncias, não está claro se esses traços de personalidade são uma causa ou um efeito da dependência de drogas estimulantes. Assim, num estudo realizado por Ersche e colaboradores (2010), os autores referem que a impulsividade aumentaria com a exposição ao consumo crónico de drogas e estimulantes, enquanto a procura de sensações seria um efeito do abuso de drogas e estimulantes. No que se refere à associação entre impulsividade e outros comportamentos aditivos, nomeadamente o jogo patológico, é referido por alguns autores (Potenza, 2007; Steel & Blaszczynski, 1998) que existe uma maior apetência para o jogo em indivíduos com altos níveis de impulsividade. O traço de impulsividade também aparece como um constructo basilar no que diz respeito às teorias etiológicas do comportamento criminal e da delinquência (Dickman, 1990; White et al., 1994).

Mas as consequências de responder depressa demais a certos estímulos nem sempre se caracterizam por ser negativas, e a este propósito, Dickman (1990, 2000) fala em dois tipos de impulsividade: funcional e disfuncional. A impulsividade funcional é a tendência para agir com pouca premeditação quando tal estilo se revelar adaptativo. Por outro lado, a impulsividade disfuncional é a tendência para agir com menos premeditação do que a maioria das pessoas, quando esta tendência for uma fonte de dificuldade.

1.4.2. Impulsividade em polícias

Relativamente à presença da impulsividade nos elementos policiais, Gudjonsson e Adlam (1983, in Oliveira, 2008) demonstraram que os elementos policiais manifestam níveis elevados de impulsividade e de procura de aventura. A actividade policial “obriga” a lidar com diferentes e inúmeras situações no seu dia-a-dia, algumas das quais podem mesmo colocar em risco a integridade física dos polícias ou de terceiros, podendo daí resultar algum stress nos agentes ao longo do tempo (Patterson, 2003). Este stress pode ter alguma influência no trabalho policial, pois num estudo realizado por Lorinskas e Kulis (1986), estes autores referem que devido ao stress acumulado com o trabalho, leva a que alguns elementos policiais em algumas ocorrências, apresentem poucas preocupações relativamente à sua segurança pessoal e as normas sociais, o que os leva a reagir de uma forma sem avaliar as consequências. Daqui pode resultar que o polícia tenha um comportamento violento perante as situações (Lersch & Mieczkowski, 2005), ou seja, pode ser acusado de uso excessivo e

desajustado de força policial (Herzog, 2000; Micucci & Gomme, 2005). Assim, esta forma de reagir pode trazer riscos para os elementos policiais, sendo o seu próprio comportamento visto como uma tendência para a passagem ao acto agressivo no desempenho do seu trabalho, e também como tendo uma má conduta policial (Danish & Brodsky, 1970). Este mau comportamento policial, segundo alguns autores (Pogarsky & Piquero, 2004) pode estar relacionado com a impulsividade, da qual podem resultar algumas más decisões por parte dos polícias face aos pedidos dos cidadãos.

Wolfe (2011) refere também que um baixo controle perante as diversas situações que o polícia enfrenta diariamente, pode ser propício ou facilitador de um comportamento impulsivo ou mesmo desajustado, face a uma determinada ocorrência policial. Ainda segundo Wolfe (2011) ter um auto-controle perante uma determinada situação policial e reagir com ponderação face à mesma, é fundamental para ter um bom desempenho no policiamento diário. Já antes Cooper (1997) tinha referido a importância dos polícias se tornarem hábeis na mediação dos conflitos diários que podem resultar do policiamento. O mesmo refere Helsen e Starkes (1999), defendendo que para fazer face às mais diversificadas situações que o polícia enfrenta na patrulha, seria importante uma constante actualização e formação dos seus elementos, bem como treinar novas formas e técnicas de intervenção e actuação face a situações perigosas. O treino visaria maior segurança do polícia, bem como a prevenção e gestão de conflitos. Desta forma, seria importante trabalhar a questão do auto-controle nos polícias, apresentando os procedimentos para sensibilizar os elementos policiais para os seus sentimentos agressivos e problemas de auto-controle através de um treino especial (Danish & Brodsky, 1970).

Pueyo (2003) refere a importância da avaliação da impulsividade em pessoas que fazem uso da arma de fogo como é o caso dos polícias, pois a impulsividade estaria presente em certos comportamentos como na tendência de responder rapidamente a um estímulo sem reflexão prévia e em algumas atitudes espontâneas, acções que por vezes se verificam na actividade policial. Assim, segundo Pueyo (2003) as consequências da impulsividade tendem a ser negativas, não apenas para o indivíduo que actua dessa forma, mas também para a sociedade, sendo, portanto, considerada uma característica negativa.

A nível nacional ainda existem, até ao momento, poucos estudos sobre a impulsividade enquanto traço de personalidade dos polícias. Nos estudos realizados por Oliveira (2008) e Silva (2012), sobre traços de personalidade dos elementos policiais, os resultados demonstram que este traço apresenta valores médios de impulsividade que não diferem muito dos estudos internacionais (Gomà-i-Freixanet & Wismeijer, 2002). Todas as dimensões da impulsividade revelam um valor médio, o que parece significar que os polícias que fizeram parte das

amostras não são impulsivos. Apesar de já existirem alguns estudos sobre este traço em polícias, parece-nos ser pertinente pela conjuntura actual que envolve a P.S.P., conhecer se existe algum tipo de relação entre impulsividade e o trabalho policial, pois esta pode influenciar o desempenho dos agentes policias no seu dia-a-dia.

2. METODOLOGIA

Neste ponto descreveremos a metodologia utilizada no âmbito do estudo empírico efectuado, apresentando as hipóteses formuladas e a construção do questionário, para em seguida procedermos à apresentação, análise e interpretação dos resultados obtidos.

Neste trabalho, temos como **objectivos** conhecer a possível existência dos traços de personalidade procura de sensações e impulsividade em elementos policiais da Polícia de Segurança Pública (P.S.P.), bem como verificar se existe uma correlação significativa entre estas variáveis e compreender se variam em função de características sociodemográficas e profissionais. Em função dos objectivos enunciados, formulamos as seguintes hipóteses:

- H1 – Os traços de personalidade procura de sensações e impulsividade estão presentes nos elementos policiais da Polícia de Segurança Pública.
- H2 – Existe uma correlação positiva entre procura de sensações e impulsividade.
- H3 – A impulsividade e a procura de sensações variam em função de variáveis sociodemográficas e profissionais.

Seguidamente serão apresentados os instrumentos e procedimentos utilizados no estudo empírico e efectuaremos a caracterização da amostra dos elementos policiais inquiridos.

2.1. Instrumentos

Considerando as particularidades deste estudo e tendo em conta os objectivos propostos, foi construído um questionário (apresentado em Anexo) composto por três grandes grupos de questões.

O Grupo I é constituído por questões sociodemográficas, nomeadamente a idade, sexo, estado civil, número de filhos, habilitações literárias, estar deslocado da sua família, e por questões profissionais, particularmente a categoria profissional, tempo de serviço na presente esquadra e tempo de serviço enquanto elemento da P.S.P. A selecção destas questões e a sua introdução no questionário deve-se ao facto de permitirem a recolha de dados considerados pertinentes para o estudo e para a testagem das hipóteses formuladas.

O Grupo II do questionário corresponde à avaliação do traço de procura de sensações, e para este efeito foi utilizado a escala de procura de sensações “*Sensation Seeking Scale - V*”

de Zuckerman (1994; Oliveira, 2008), composta por 40 itens, tendo cada item duas opções de resposta (A e B), agrupados em quatro subescalas:

- Procura de Emoção e Aventura (TAS): expresso o desejo de participar em desportos ou outras actividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade (e.g., *“Por vezes gosto de fazer coisas um pouco arriscadas”*);

- Procura de Experiências (ES): descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, actividade intelectual ou sensorialmente estimulante ou através de actividades sociais não-conformistas (e.g., *“Gosto de experimentar comidas que nunca provei”*);

- Desinibição (DIS): descreve a preferência por actividades que promovam a socialização (e.g., festas, consumo de substâncias, variedade de parceiros sexuais) (e.g., *“Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, pouco convencionais ou ilegais”*);

- Intolerância ao Aborrecimento (BS): refere-se à intolerância a experiências repetitivas ou rotineiras e à monotonia (e.g., *“Aborreço-me de ver sempre as mesmas caras”*).

Cada subescala é composta por 10 itens e pode-se calcular o valor total do traço de procura de sensações pelo somatório das respostas nas quatro subescalas. Os valores podem variar entre 0 e 10 para cada subescala e entre 0 e 40 para a escala total.

No que se refere à consistência interna, o Alfa de *Cronbach* (Quadro 1) é inferior ao valor de referência (0.80) e aos valores mínimos e máximos encontrados por Zuckerman (1994). No que diz respeito à consistência interna da versão utilizada do SSS-V em estudos efectuados em Portugal usando a mesma versão, podemos verificar que os valores do nosso estudo são aproximados aos encontrados noutros estudos nacionais e, embora ligeiramente abaixo dos valores recomendados de 0.8, estão próximos dos valores mínimos referidos por Zuckerman (1994)

Quadro 1. Valores do α (Alfa) de Cronbach para o SSS-V

| <i>n</i> | Estudos | TAS | ES | DIS | BS | SS TOTAL |
|---------------------------|---------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | Zuckerman (1994) | | | | | |
| | Mínimo do alfa | .77 | .61 | .74 | .56 | .83 |
| | Máximo do alfa | .82 | .67 | .78 | .65 | .86 |
| 350 (Masc.) | Oliveira (2008) | .77 | .51 | .61 | .54 | .79 |
| 76 (Masc.) | Silva (2012) | .76 | .58 | .43 | .51 | .69 |
| 199 (170 Masc. e 23 Fem.) | Neste Estudo | .76 | .65 | .60 | .53 | .73 |

O Grupo III corresponde à avaliação do traço de impulsividade e para esse efeito foi utilizada a “*Barrat Impulsiveness Scale*” (BIS-11, de Patton, Stanford & Barratt, 1995) na versão utilizada por Oliveira (2008) num estudo com polícias. A BIS-11 é uma escala de auto-preenchimento de 30 itens que descrevem formas habituais de agir. O formato de resposta é baseado numa escala de tipo Likert de quatro pontos, variando de “*nunca ou raramente*” (valor 1) até “*quase sempre*” (valor 4). É composta por três subescalas:

- Impulsividade Motora que se relaciona com o agir sem pensar e com a falta de perseverança (e.g., “*Ando e mexo-me de forma rápida*”);

- Impulsividade por falta de Atenção que tem a ver com o facto de o sujeito pensar, decidir e concluir apressadamente, sendo por isso uma medida de falta de atenção, de dificuldade de concentração e de instabilidade cognitiva (e.g., “*Quando estou a pensar em algo deixo-me distrair por outros pensamentos*”);

- Impulsividade por Falta de Planeamento que representa a incapacidade de antever consequências futuras e comportamentos voltados para objectivos imediatos, sendo portanto uma forma de avaliação da intolerância relativamente a complexidade cognitiva e do auto-controlo do sujeito (e.g., “*Estou mais interessado no presente do que no futuro*”).

A consistência interna (Quadro 2) revelou valores próximos aos de outros estudos realizados em contexto português (Oliveira, 2008; Silva, 2012), menos na dimensão impulsividade por falta de atenção, sendo os valores superiores no nosso estudo. É de notar que algumas dimensões apresentam valores nitidamente abaixo do 0.80 recomendado, mas este resultado é consistente em vários estudos.

Quadro 2. Alfa de Cronbach para a Barrat Impulsiveness Scale

| <i>n</i> | Estudos | Impulsividade por falta de planeamento | Impulsividade motora | Impulsividade por falta de atenção | Total Impulsividade |
|---------------------------|----------------------------------|--|----------------------|------------------------------------|---------------------|
| | Patton, Stanford & Barrat (1995) | - | - | - | .80 |
| | Romeiro, Almeida & Horta (2006) | .52 | .53 | .33 | .71 |
| 350 (Masc.) | Oliveira (2008) | .63 | .67 | .51 | .80 |
| 76 (Masc.) | Silva (2012) | .66 | .68 | .40 | .81 |
| 199 (170 Masc. e 23 Fem.) | Neste Estudo | .64 | .68 | .65 | .80 |

2.2. Procedimento

A recolha de dados foi efectuada no Comando Metropolitano de Polícia de Lisboa recorrendo a uma amostra de por conveniência. Os questionários foram entregues na Divisão de Psicologia da P.S.P. em Lisboa, ao abrigo de um estudo mais vasto sobre traços de personalidade em elementos policiais, desenvolvido pelo Laboratório de Reabilitação Psicossocial (LabRP) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Foram entregues por um investigador e distribuídos e recolhidos em Novembro de 2011, sendo preenchidos de forma anónima e sem contacto com o investigador. Após a recolha dos dados, estes foram introduzidos e analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 18, permitindo a análise descritiva e o cálculo dos testes estatísticos adequados aos objectivos do estudo.

2.3. Participantes

Este estudo foi realizado com uma amostra constituída por 199 elementos policiais de ambos os sexos, patrulheiros da P.S.P. no Comando Metropolitano de Polícia de Lisboa e maioritariamente do sexo masculino (Quadro 3), com idades entre os 21 e os 53 anos de idade ($M=31,86$ e $DP=7,19$), com uma média de cerca de 3 anos de tempo de serviço na esquadra actual (entre 0,1 a 20 anos, $M=3,33$ e $DP=3,01$), tendo como tempo de serviço enquanto polícia uma média de 8 anos (entre 0,1 anos e 29 anos, $M=8,42$ e $DP=7,30$).

Quadro 3. Distribuição por Sexo

| Sexo | Frequência | Percentagem |
|--------------|------------|-------------|
| Masculino | 170 | 85,4 |
| Feminino | 23 | 11,6 |
| Não responde | 6 | 3,0 |
| Total | 199 | 100 |

No que concerne às habilitações literárias (Quadro 4), existe uma clara predominância de sujeitos com o 12º ano, seguida de sujeitos com o 9º ano a 11º ano e, por fim, de elementos com frequência universitária, licenciatura ou mestrado.

Quadro 4. Distribuição por Habilitações Literárias

| Habilitações Literárias | Frequência | Percentagem |
|--|------------|-------------|
| 9º a 11º Ano | 37 | 18,6 |
| 12º Ano | 131 | 65,8 |
| Frequência universitária ou licenciatura ou mestrado | 25 | 12,6 |
| Não responde | 6 | 3,0 |
| Total | 199 | 100 |

Relativamente ao estado civil (Quadro 5), constata-se uma predominância relativamente aos casados ou em união de facto, seguido dos elementos solteiros, existindo uma baixa percentagem de divorciados, separados ou viúvos. Se considerarmos apenas casados e não casados a percentagem é respectivamente de 49% e de 48%, com 3% de omissos. Verifica-se ainda que existe uma maior percentagem de sujeitos sem filhos, representando mais de metade da amostra (Quadro 6).

Quadro 5. Distribuição por Estado Civil

| Estado Civil | Frequência | Percentagem |
|-------------------------------|-------------------|--------------------|
| Solteiro | 88 | 44,2 |
| Casado ou União de facto | 98 | 49,2 |
| Divorciado, separado ou viúvo | 7 | 3,5 |
| Não responde | 6 | 3,0 |
| Total | 199 | 100 |

Quadro 6. Distribuição por Número de Filhos

| Número de Filhos | Frequência | Percentagem |
|-------------------------|-------------------|--------------------|
| 0 | 104 | 52,3 |
| 1 | 43 | 21,6 |
| 2 | 33 | 16,6 |
| 3 | 4 | 2,0 |
| 4 ou mais | 3 | 1,5 |
| Não responde | 12 | 6,0 |
| Total | 199 | 100 |

Observa-se ainda que aproximadamente 58% dos elementos policiais deste estudo, está actualmente a viver deslocado da sua família por questões de serviço (Quadro 7).

Quadro 7. Distribuição por Vive deslocado em Serviço

| Vive deslocado em Serviço | Frequência | Percentagem |
|----------------------------------|-------------------|--------------------|
| Sim | 115 | 57,8 |
| Não | 78 | 39,2 |
| Não responde | 6 | 3,0 |
| Total | 199 | 100 |

Relativamente à categoria/função enquanto Polícia (Quadro 8), verifica-se que há uma predominância de Polícias que não exercem cargos de chefia face ao reduzido número de elementos policiais com tais responsabilidades. A maior percentagem de sujeitos neste estudo é de Agentes (68%) e de Agentes Principais (15%).

Quadro 8. Distribuição por Categoria/Função

| Categoria/Função | Frequência | Percentagem |
|---------------------------------|-------------------|--------------------|
| Agente ou Não chefia | 165 | 82,9 |
| Chefe ou Subcomissário (chefia) | 22 | 11,1 |
| Não responde | 12 | 6,0 |
| Total | 199 | 100 |

Terminada a descrição da metodologia, passaremos para a apresentação dos resultados.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Iremos seguidamente apresentar os resultados obtidos, começando por uma análise descritiva, para depois apresentar a análise comparativa e correlacional necessária à verificação das hipóteses formuladas.

No que se refere à análise descritiva (Quadro 9), relativamente às dimensões da procura de sensações identificamos para as dimensões DIS e BS uma média que pode ser considerada baixa, dado que o máximo possível é de 9 e 10 respectivamente. Já na TAS a média é elevada, uma vez que se distancia claramente do mínimo 0, aproximando-se do máximo 10. Ainda em relação à ES, considera-se que a média apresenta valores moderados uma vez que se situa sensivelmente próximo da metade do máximo possível. Desta forma, podemos concluir que na nossa amostra os traços procura de emoção e aventura (TAS) e procura de experiências (ES) são os mais presentes, contrariamente aos traços desinibição (DIS) e intolerância ao aborrecimento (BS). Salienta-se ainda que a nossa amostra não parece ter procura de sensações pois o total do SS é moderado, considerando o valor mínimo teórico possível de 0 e o valor máximo teórico possível de 40, possuindo uma elevada tolerância ao aborrecimento assim como desejo na procura de emoção e aventura (TAS). Relativamente às dimensões da impulsividade, identificamos uma média algo baixa nas subescalas impulsividade motora e impulsividade por falta de planeamento, embora na subescala impulsividade por falta de atenção a média seja ligeiramente superior, mas mesmo assim, bastante moderada. Quando observamos o valor total da impulsividade, este também tem um valor bastante moderado e próximo das outras subescalas. Concluimos pelos valores apresentados nas subescalas deste traço, que os elementos policiais da nossa amostra não são, na verdade, impulsivos.

Quadro 9. Médias por dimensões das duas escalas

| Questionário | Subescala | Mínimo | Máximo | Média | Desvio Padrão |
|--|------------------------|--------|--------|-------|---------------|
| <i>Sensation Seeking</i> SSS-V (0-10) | TAS | 0 | 10 | 6,39 | 2,65 |
| | ES | 1 | 9 | 4,88 | 1,69 |
| | DIS | 0 | 9 | 3,97 | 1,92 |
| | BS | 0 | 10 | 2,59 | 1,83 |
| | Total SS (0-40) | 5 | 36 | 17,82 | 5,12 |
| <i>Barrat</i> <i>Impulsiveness Scale</i> (1-4) | I Falta de Planeamento | 1,25 | 3,75 | 1,98 | ,37 |
| | I Motora | 1,10 | 3,20 | 1,92 | ,40 |
| | I Falta de Atenção | 1,25 | 3,50 | 2,16 | ,34 |
| | Total Impulsividade | 1,37 | 3,35 | 2,02 | ,30 |

A análise comparativa em função do Sexo (Quadro 10) relativamente à procura de sensações e ao traço impulsividade, não revela diferenças significativas.

Quadro 10. Comparação das médias em função do Sexo

| Escalas | Masculino (N=170) | Feminino (N=23) | Sig (Independent-Samples Mann-Whitney U Test) |
|-----------------------|----------------------|--------------------|--|
| TAS | 6,52 | 5,48 | ,097 |
| ES | 4,93 | 4,61 | ,553 |
| DIS | 4,06 | 3,48 | ,101 |
| BS | 2,53 | 3,09 | ,667 |
| Total SS | 18,05 | 16,65 | ,072 |
| IFalta de Planeamento | 1,98 | 1,99 | ,789 |
| IMotora | 1,91 | 2,00 | ,347 |
| IFalta de Atenção | 2,15 | 2,26 | ,219 |
| Total Impulsividade | 2,01 | 2,08 | ,340 |

* $p \leq 0.050$

Relativamente à análise comparativa em função das Habilitações Literárias (Quadro 11), salienta-se que os resultados da procura de sensações e da impulsividade, também não revelam diferenças significativas entre os grupos.

Quadro 11. Comparação das médias em função das Habilitações Literárias

| Escalas | 9º a 11º Ano (N=37) | 12º Ano (N=131) | Frequência Universitária ou Licenciatura ou Mestrado (N= 25) | Sig (Independent-Samples Kruskal Wallis Test) |
|-----------------------|------------------------|--------------------|--|---|
| TAS | 6,08 | 6,47 | 6,52 | ,803 |
| ES | 4,68 | 4,85 | 5,40 | ,204 |
| DIS | 3,57 | 4,17 | 3,72 | ,119 |
| BS | 2,24 | 2,60 | 3,12 | ,370 |
| Total SS | 16,57 | 18,08 | 18,76 | ,166 |
| IFalta de Planeamento | 1,94 | 1,98 | 2,02 | ,992 |
| IMotora | 1,98 | 1,90 | 1,94 | ,323 |
| IFalta de Atenção | 2,21 | 2,13 | 2,20 | ,279 |
| Total Impulsividade | 2,04 | 2,01 | 2,06 | ,394 |

* $p \leq 0.050$

No que se refere à análise comparativa em relação ao facto de Viver Deslocado em serviço (Quadro 12), salientam-se os resultados da procura de sensações na dimensão desinibição (DIS) com valores elevados nomeadamente nos sujeitos que vivem deslocados em serviço, comparativamente com os que não se encontram deslocados e, ainda mais elevados na dimensão procura de emoção e aventura (TAS) nos mesmos sujeitos deslocados. O total de SS também é mais elevado nos elementos policiais que vivem longe da sua residência

habitual. Os resultados da nossa amostra parecem confirmar a ideia geral de que os elementos policiais tendem a revelar valores altos na dimensão procura de emoção e aventura (TAS), sendo ainda mais elevados, no caso da nossa amostra, nos que se encontram deslocados em serviço, o que também pode estar relacionado com a idade dos elementos policiais e com o facto de serem os mais novos na instituição policial. Em relação à impulsividade, destacam-se os valores mais elevados na subescala impulsividade por falta de atenção nos policiais que se encontram deslocados, comparativamente aos não deslocados. O total da impulsividade também apresenta diferenças significativas, sendo o valor ligeiramente mais alto nos que vivem longe das suas famílias e residências habituais.

Quadro 12. Comparação das médias por situação de Viver Deslocado em serviço

| Escalas | Sim (N=115) | Não (N=78) | Sig (Independent-Samples Mann-Whitney U Test) |
|-----------------------|----------------|---------------|---|
| TAS | 6,73 | 5,91 | ,035* |
| ES | 5,03 | 4,69 | ,177 |
| DIS | 4,30 | 3,54 | ,006* |
| BS | 2,70 | 2,44 | ,568 |
| Total SS | 18,77 | 16,58 | ,003* |
| IFalta de Planeamento | 2,01 | 1,93 | ,207 |
| IMotora | 1,94 | 1,89 | ,206 |
| IFalta de Atenção | 2,21 | 2,08 | ,010* |
| Total Impulsividade | 2,05 | 1,97 | ,049* |

*p≤0.050

Na análise comparativa das médias em função da Categoria/Função (Quadro 13), foram encontradas no traço impulsividade diferenças significativas na subescala impulsividade por falta de atenção, apresentando os agentes ou os policiais que não exercem funções de chefia valores mais elevados, relativamente aos que tem funções de chefia.

Quadro 13. Comparação das médias por Categoria/Função

| Escalas | Agente ou Não Chefia (N=165) | Chefe ou Subcomissário (Chefia) (N=22) | Sig (Independent-Samples Mann-Whitney U Test) |
|-----------------------|---------------------------------|---|---|
| TAS | 6,50 | 5,77 | ,232 |
| ES | 4,88 | 5,18 | ,547 |
| DIS | 4,10 | 3,32 | ,104 |
| BS | 2,63 | 2,41 | ,764 |
| Total SS | 18,12 | 16,68 | ,245 |
| IFalta de Planeamento | 1,97 | 1,94 | ,744 |
| IMotora | 1,93 | 1,85 | ,219 |
| IFalta de Atenção | 2,18 | 2,00 | ,013* |
| Total Impulsividade | 2,03 | 1,93 | ,153 |

*p≤0.050

Na análise comparativa das médias por Não Casado e Casado (Quadro 14), foram encontradas na procura de sensações diferenças significativas na dimensão desinibição (DIS) e no total SS, apresentando os elementos policiais não casados valores mais elevados. Em relação ao traço impulsividade, foram encontradas diferenças significativas na subescala impulsividade por falta de atenção, apresentando os policiais não casados valores mais elevados, comparativamente aos casados.

Quadro 14. Comparação das médias por Não Casado e Casado

| Escalas | Não Casado (N=95) | Casado (N=98) | Sig (Independent-Samples Mann-Whitney U Test) |
|-----------------------|----------------------|------------------|---|
| TAS | 6,79 | 6,02 | ,057 |
| ES | 5,00 | 4,79 | ,349 |
| DIS | 4,42 | 3,58 | ,003* |
| BS | 2,83 | 2,37 | ,134 |
| Total SS | 19,04 | 16,76 | ,002* |
| IFalta de Planeamento | 2,03 | 1,93 | ,101 |
| IMotora | 1,95 | 1,89 | ,394 |
| IFalta de Atenção | 2,22 | 2,10 | ,023* |
| Total Impulsividade | 2,07 | 1,97 | ,079 |

* $p \leq 0.050$

Por fim, a análise correlacional entre as dimensões da procura de sensações e as dimensões da impulsividade (Quadro 15) revelou correlações positivas de quase todas as dimensões da procura de sensações, excepto na dimensão TAS e na dimensão ES, com as subescalas da impulsividade. A dimensão de procura de experiências (ES) também não se correlaciona com a impulsividade motora e com a falta de atenção. Já a análise correlacional entre as variáveis de cada instrumento revelou correlações internas, estando de acordo com o esperado, embora na procura de sensações nem sempre existam. No que se refere às correlações entre instrumentos e as dimensões estudadas, a idade correlaciona-se negativamente com a procura de emoção e aventura (TAS), procura de experiências (ES) e desinibição (DIS), com excepção da intolerância ao aborrecimento (BS). O tempo de serviço também se correlaciona negativamente com a procura de emoção e aventura, procura de experiências e com a desinibição. Entre o tempo de serviço e a intolerância ao aborrecimento (BS) não existem correlações. O total do SS correlaciona-se negativamente com a idade (sendo os mais novos os que procuram mais sensações) e com os anos de polícia (onde os policiais com menos anos de carreira, são os que procuram mais sensações). Por outro lado, o total do SS correlaciona-se positivamente com a falta de planeamento, com a impulsividade motora, com a falta de atenção e com a impulsividade total, ou seja, os mais desorganizados, os que têm mais falta de atenção e os mais impulsivos são os que mais procuram sensações.

O facto de BS não ter correlações, parece evidenciar que os polícias com o treino adquirido, formação e preparação, demonstram tolerarem o aborrecimento a tarefas repetitivas ou rotineiras, não sendo assim devido a uma característica individual ou de personalidade. Não existem correlações entre o tempo na esquadra e qualquer das dimensões dos instrumentos.

Quadro 15. Distribuição das correlações entre as dimensões estudadas

| | Idade | Tempo nesta esquadra | Anos enquanto polícia | Imp. falta planeamento | Imp. motora | Imp. Falta atencao | Impulsividade Total | TAS | ES | DIS | BS |
|--------------------|---------|----------------------|-----------------------|------------------------|-------------|--------------------|---------------------|--------|--------|--------|--------|
| IfaltaPlaneamento | -,007 | ,013 | ,009 | | | | | | | | |
| Imotora | -,028 | ,019 | -,012 | ,473** | | | | | | | |
| Iatencao | -,124 | ,020 | -,095 | ,605** | ,526** | | | | | | |
| ImpulsividadeTotal | -,061 | ,021 | -,037 | ,830** | ,820** | ,840** | | | | | |
| TAS | -,283** | -,075 | -,321** | -,060 | -,036 | ,047 | -,023 | | | | |
| ES | -,170* | -,063 | -,166* | ,161* | ,137 | ,120 | ,168* | ,323** | | | |
| DIS | -,307** | -,096 | -,328** | ,169* | ,289** | ,270** | ,294** | ,360** | ,297** | | |
| BS | -,041 | ,035 | -,020 | ,354** | ,354** | ,306** | ,409** | -,148* | -,034 | ,363** | |
| SStotal | -,331** | -,083 | -,352** | ,212** | ,261** | ,274** | ,300** | ,705** | ,596** | ,788** | ,406** |

**p ≤ 0.01 *p ≤ 0.05

Terminada a apresentação dos resultados, avançamos agora para a sua discussão.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Relativamente aos resultados encontrados na análise descritiva, verificou-se que os elementos policiais têm valores moderados de procura de sensações (médias moderadas na ES e DIS, e baixa na BS), sendo o total SS moderado também, mas bastante baixo comparativamente a outros estudos (Oliveira, 2008; Zuckerman, 1994), pelo que apenas na procura de emoção e aventura (TAS) apresentam uma média elevada, salientando-se o facto de possuírem uma elevada tolerância ao aborrecimento. Relativamente à impulsividade, identificamos médias baixas nas subescalas impulsividade motora e impulsividade por falta de planeamento, embora na impulsividade por falta de atenção a média seja ligeiramente superior, mas mesmo assim, bastante moderada, pelo que podemos concluir que os polícias da nossa amostra não são, na verdade, impulsivos. Estes resultados vão ao encontro dos valores obtidos por Oliveira (2008) e Silva (2012), nos estudos nacionais realizados também com polícias.

Desta forma, podemos então concluir que a Hipótese 1 foi apenas parcialmente verificada, uma vez que os polícias apresentam um “sensation seeking” moderado e uma baixa impulsividade. Este resultado pode dever-se ao facto dos polícias serem profissionais que lidam diariamente com situações de perigo e diferentes ocorrências policiais, onde os níveis de adrenalina são constantes e elevados, pelo que a procura de sensações não apresenta valores significativamente elevados, pois tal facto pode criar uma habituação a níveis de excitação superiores e à missão que um polícia tem que desempenhar. O elevado treino e preparação que é ministrada aos agentes durante o curso de formação na Escola Prática de Polícia (EPP) em Torres Novas e no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI) em Lisboa, proporciona o contacto com algumas situações (e.g., perseguições, desordens públicas, situações violentas) que se assemelham à realidade que futuramente estes elementos podem e vão encontrar, permitindo que o comprometimento com a profissão que querem desempenhar seja muito elevado, superando as dificuldades com êxito e melhorando a capacidade de enfrentar as ocorrências policiais diariamente.

A análise correlacional indicou correlações positivas de quase todas as dimensões do “sensation seeking” com as subescalas da impulsividade, excepto na TAS e na ES. A dimensão procura de experiências (ES) não se correlaciona com a impulsividade motora e com a falta de atenção e, a dimensão procura de emoção e aventura (TAS) não se correlaciona com nenhuma das dimensões da impulsividade. A análise correlacional entre as variáveis de cada instrumento revelou correlações internas em cada instrumento, estando de acordo com o esperado. A idade e o tempo de serviço correlacionam-se negativamente com a procura de emoção e aventura (TAS), procura de experiências (ES) e desinibição (DIS), não se

correlacionando com a intolerância ao aborrecimento (BS). O facto de BS não ter correlações, parece demonstrar que os elementos policiais com o tempo de serviço enquanto polícias, com o treino adquirido na forma com lidam com as ocorrências, formação e preparação, parecem demonstrar mais tolerância a tarefas repetitivas ou rotineiras. Não existem correlações entre o tempo na esquadra e qualquer das dimensões dos instrumentos. Confirmamos, então, parcialmente a Hipótese 2, pois apesar de existirem correlações positivas entre o “sensation seeking” e a impulsividade, as mesmas não se verificam na sua totalidade, sendo apenas parciais.

Da análise comparativa no “sensation seeking” registaram-se diferenças significativas no viver deslocado em serviço, apresentando os elementos que vivem deslocados em serviço um total de SS mais elevado, comparativamente ao que não se encontram deslocados. A dimensão desinibição (DIS) também revela valores superiores nos deslocados. A dimensão procura de emoção e aventura (TAS) é a que apresenta o valor mais elevado de todas as dimensões estudadas, sendo ligeiramente superior nos polícias que estão deslocados por causa do serviço. Estes resultados parecem confirmar a ideia geral de que os elementos policiais tendem a revelar valores altos na dimensão procura de emoção e aventura (TAS), sendo semelhantes aos valores encontrados noutros estudos com polícias e utilizando a mesma escala (Oliveira, 2008; Silva, 2012), mas com valores relativamente mais baixos, quando comparados com outros estudos (Zuckerman, 1994). Os resultados obtidos podem estar relacionados com a idade dos elementos policiais, sendo que os mais novos na instituição policial e que terminaram o curso de polícia mais recentemente, são aqueles que geralmente se encontram deslocados em Comandos de Polícia diferentes ou longe da sua residência habitual. Também se registaram diferenças significativas entre os não casados e casados na dimensão desinibição (DIS), apresentados os não casados valores mais elevados, comparativamente com os casados. O total de SS revela valores bastantes superiores nos polícias não casados relativamente aos casados, evidenciando, assim, que o facto de ter responsabilidades familiares ou outro tipo de suporte familiar, pode funcionar como forma de arriscar menos e participar em experiências que possam proporcionar sensações novas. Relativamente ao sexo, às habilitações literárias e à categoria/função, não se registaram diferenças significativas no que se refere à procura de sensações.

Da análise comparativa no traço impulsividade verificaram-se diferenças significativas na categoria vive deslocado em serviço, apresentando os que estão deslocados valores superiores na subescala impulsividade por falta de atenção, quando comparado com os que não estão longe da sua residência habitual. No total da impulsividade os deslocados em serviço, também apresentam valores ligeiramente superiores, mas muito semelhantes aos de

outros estudos com elementos policiais (Oliveira, 2008; Silva, 2012). A subescala impulsividade por falta de atenção é a que apresenta os valores mais altos de todas as subescalas, evidenciando, assim, que o tempo de serviço e a própria idade dos polícias podem contribuir para esses resultados. Em relação à categoria/função também se registaram diferenças significativas na subescala impulsividade por falta de atenção, apresentando os agentes que não tem funções de chefia, valores superiores quando comparados com os que tem funções de chefia. Estes resultados talvez possam ser explicados pelo facto de terem menos responsabilidades sobre outros elementos ou por não ter o comando de alguma esquadra, ou ainda pela idade dos sujeitos, uma vez que as “funções” de chefia na polícia são normalmente atribuídas a elementos policiais mais velhos e com mais experiência ou aos que têm uma classe superior à de agente (oficiais). Também se registaram diferenças significativas em relação aos não casados e casados na subescala impulsividade por falta de atenção, apresentando os não casados valores superiores.

Podemos então concluir que a Hipótese 3 não se verifica totalmente, pois a procura de sensações e a impulsividade não variam significativamente com as variáveis sociodemográficas, à excepção das dimensões de vive deslocado em serviço, categoria/função e casados e não casados.

5. CONCLUSÕES

A evolução histórica da Polícia de Segurança Pública (P.S.P.) expressa de forma inequívoca a sua capacidade de adaptação aos ventos da História sem nunca negligenciar a sua missão de segurança pública e sem abdicar da criação de condições renovadas para o desenvolvimento da sua acção. Actualmente, a P.S.P. é uma força de segurança com natureza de serviço público, dotada de autonomia administrativa e tem por funções defender a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos, liberdade e garantias do cidadão (Lei nº 53/2007, de 31 de Agosto).

E é justamente esta necessidade de responder melhor a novos desafios, novas ameaças que se apresentam no dia-a-dia, e de se adaptar a todo um conjunto de novas mudanças que surgem na sociedade actual e pelas responsabilidades específicas que o trabalho policial acarreta, que a profissão de Polícia suscita interesse ao nível da sociedade, traduzido por exemplo no número de programas e reportagens televisivas que acompanham no terreno o trabalho policial. Além disso, surge o interesse crescente na forma como se seleccionam os sujeitos para as carreiras policiais, como estes lidam com o stress e com actividades diárias, e por vezes, como podem as suas vulnerabilidades explicar o suicídio (Durão, 2006; Melo,

2009; Mendes, 2005; Oliveira, 2008; Silva, 2012). O aumento do número de estudos sobre a polícia e sobre os seus elementos policiais constitui uma preocupação por parte dos diferentes investigadores e até da própria comunidade, tentando perceber como estes homens e mulheres que têm uma função tão importante na nossa sociedade, se encontram preparados e formados para responder as exigências que lhe são colocadas nos dias de hoje pelas instituições e pelos cidadãos.

Desta forma, o conhecimento dos padrões de personalidade do polícia pode trazer benefícios relevantes para o agente enquanto indivíduo e para a organização policial, com as consequentes repercussões na sociedade (Kurke & Scrivner, 1995). Todos os conhecimentos sobre a personalidade do polícia enquanto indivíduo, podem constituir uma mais-valia para a compreensão do seu funcionamento pessoal e operacional nos diversos contextos onde esta inserido, para uma redução de algum stress que possa evidenciar, mas também para garantir o seu bem-estar e qualidade de vida necessários para desempenhar a sua profissão correctamente.

A Polícia é, actualmente, uma das profissões que acarreta mais perigo, mais desgaste, maior contacto com situações perigosas e acontecimentos imprevistos, o que pode levar a que os seus elementos demonstrem ou manifestem algum nível de stress. Assim, é importante conhecer se existem traços de personalidade que podem ser protectores dessa situação, surgindo a procura de sensações e a impulsividade como possíveis traços que podem “funcionar” como protecção de algum desgaste físico ou emocional, bem como de algum nível de stress. Zuckerman (1994), refere que um valor alto no traço de procura de sensações está negativamente correlacionado com a satisfação no trabalho, quando este é totalmente rotineiro, pelo que parece ser possível concluir que a procura de sensações funciona como factor protector quanto ao stress e exaustão emocional. Também a impulsividade parece estar associada à procura de emoções, tal como refere Zuckerman (1994) que os indivíduos com cotações elevadas no total desta escala caracterizam-se geralmente pela busca activa de aventura, pela impulsividade e pela aversão à monotonia.

Os resultados obtidos neste estudo com polícias revelaram que os níveis de procura de sensações são moderados, o que sugerem que os riscos que correm não são em uso próprio na busca de emoção e aventura ou de experiências novas, mas sim porque a sua profissão e as ocorrências policiais diárias assim o exigem e determinam. Relativamente ao traço impulsividade, os resultados evidenciam que os elementos policiais da nossa amostra não são, na verdade, impulsivos. Identificamos médias baixas nas subescalas impulsividade motora e impulsividade por falta de planeamento, embora no total da impulsividade e na impulsividade por falta de atenção a média seja ligeiramente superior, mas mesmo assim, com valores

bastantes moderados. Estes resultados vão ao encontro dos valores obtidos por Oliveira (2008) e Silva (2012), nos estudos realizados também com polícias.

Pensamos que este estudo contribuiu para a compreensão de que níveis de procura de sensações e de impulsividade podem colocar em risco a missão e o desempenho das funções policiais de um elemento da Polícia, profissão com grande interesse e influência nos dias de hoje. Também poderá ajudar a compreender até que ponto a procura de sensações e a impulsividade podem ser protectores de estados de desgaste físico ou emocional e de algum nível de stress que os polícias possam evidenciar fruto da sua actividade diária.

Em síntese, com este trabalho procuramos contribuir para um melhor entendimento dos polícias e de alguns traços da sua personalidade, esperando também que os dados obtidos neste estudo, possam ser úteis para ajudar a compreender melhor a complexidade da actividade policial e o comportamento dos seus elementos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrahamsen, S. & Strype, J. (2010). Are they all the same? Norwegian police officers' personality characteristics and tactics of conflict resolution. *Policing & Society*, 20 (1), 99-123.
- Allport, G. (1973). *Personalidade: Padrões de desenvolvimento*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Aluja, A., Garcia, Ó. & Garcia, L. (2003). Relationship among extraversion, openness to experience and Sensation Seeking. *Personality and Individual Differences*, 35, 671-680.
- Anderson, K. & Revelle, W. (1994). Impulsivity and Time of Day: Is Rate of Change in Arousal a Function of Impulsivity? *Journal of Personality and Social Psychology*, 67 (2), 334-344.
- Arnett, J. (1996). Sensation Seeking, Aggressiveness, and Adolescent Reckless Behavior. *Personality and Individual Differences*, 20 (6), 693-702.
- Arnold, W. (1975). *Persona, Carácter y Personalidad*. Barcelona: Herder.
- Arter, M. (2008). Stress and deviance in policing. *Deviant Behavior*, 29 (1), 43-69.
- Austin, E., Hofer, S., Deary, I. & Eber, H. (2000). Interactions between intelligence and personality: results from two large samples. *Personality and Individual Differences*, 29, 405-427.
- Bandura, A. (2001). Social Cognitive Theory: An Agentic Perspective. *Annual Review of Psychology*, 52, 1-26.
- Bannish, H. & Ruiz, J. (2003). The antisocial police personality: a view from the inside. *International Journal of Public Administration*, 26 (7), 831-881.
- Bardo, M., Williams, Y., Dwoskin, L., Moynahan, S., Perry, I. & Martin, C. (2007). The Sensation Seeking Trait and Substance Use: Research Findings and Clinical Implications. *Current Psychiatry Reviews*, 3, 3-13.
- Barratt, E. S. & Slaughter, L. (1998). Defining, Measuring, and Predicting Impulsive aggression: A Heuristic Model. *Behavioral Sciences and the Law*, 16, 285-302.
- Barratt, E. S., Stanford, M. S., Dowdy, L., Liebman, M.J. & Kent, T.A. (1999). Impulsive and premeditated aggression: A factor analysis of self-reported acts. *Psychiatric Research*, 86, 163-173.
- Bentler, P. (1980). Multivariate Analysis With Latent Variables: Causal Modeling. *Annual Review of Psychology*, 31, 419-456.
- Beutler, L., Nussbaum, P. & Meredith, K. (1988). Changing personality patterns of police officers. *Professional Psychology: Research and Practice*, 19, 503-507.

- Beyers, J., Toumbourou, J., Catalano, R., Arthur, M. & Hawkins, J. (2004). A Cross-national Comparison of Risk and Protective Factors for Adolescent Substance Use: The United States and Australia. *Journal of Adolescent Health, 35* (1), 3-16.
- Biggam, F. & Power, K. (1996). The Personality of the Scottish Police: The Issue of Positive and Negative Affectivity. *Personality and Individual Differences, 20* (6), 661-667.
- Blackburn, R. (1969). Sensation seeking, impulsivity, and psychopathic personality. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 33* (5), 571-574.
- Block, J. (1995). A Contrarian View of the Five-Factor Approach to Personality Description. *Psychological Bulletin, 117* (2), 187-215.
- Bonifacio, P. (1991). *The psychological effects of police work: a psychodynamic approach*. New York: Plenum Press.
- Braquehais, M., Oquendo, M., Baca-García, E. & Sher, L. (2010). Is impulsivity a link between childhood abuse and suicide? *Comprehensive Psychiatry, 51*, 121-129.
- Bratko, D. & Butkovic, A. (2003). Family study of Sensation Seeking. *Personality and Individual Differences, 35*, 1559-1570.
- Brough, P. (2004). Comparing the influence of traumatic and organisational stressors upon the psychological health of police, fire and ambulance officers. *International Journal of Stress Management, 11* (3), 227-244.
- Burbeck, E. & Furnham, A. (1984). Personality and police selection: Trait differences in successful and non-successful applicants to the metropolitan police. *Personality and Individual Differences, 5*, 257-263.
- Burger, J. (2007). *Personality* (7th ed.). Belmont, USA: Thomson Higher Education.
- Buss, A. (1989). Personality As Traits. *American Psychologist, 44* (11), 1378-1388.
- Buss, D. (2009). How Can Evolutionary Psychology Successfully Explain Personality and Individual Differences? *Perspectives on Psychological Science, 4* (4), 359-366.
- Clark, J. P. (1970). The Functions of the Police in Modern Society. *Deviance and Crime, 243-244*.
- Cooper, C. (1997). Patrol Police Officer Conflict Resolution Processes. *Journal of Criminal Justice, 25* (2), 87-101.
- Coulton, G. F. & Feild, H.S. (1995). Using Assessment Centers in Selecting Entry-level Police Officers: Extravagance or Justified Expense? *Public Personnel Management, 24* (2), 223- 254.
- Danish, S. J. & Brodsky, S. L. (1970). Training of policemen in emotional control and awareness. *American Psychologist, 25*, 368-369.

- Dick, D., Smith, G., Olausson, P., Mitchell, S., Leeman, R., O'Malley, S. & Sher, K. (2010). Understanding the construct of impulsivity and its relationship to alcohol use disorders. *Addiction Biology*, *15*, 217-226.
- Dickman, S. (1990). Functional and Dysfunctional Impulsivity: Personality and Cognitive Correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, *58* (1), 95-102.
- Dickman, S. (2000). Impulsivity, arousal and attention. *Personality and Individual Differences*, *28*, 563-581.
- Dorn, L. & Brown, B. (2003). Making sense of invulnerability at work-a qualitative study of police drivers. *Safety Science*, *41*, 837-859.
- Durão, S. (2006). *Patrulha e proximidade: uma etnografia da polícia em Lisboa*. Tese de Doutoramento em Antropologia. Lisboa: ISCTE.
- Ekehammer, B. (1974). Interactionism in Personality From a Historical Perspective. *Psychological Bulletin*, *81* (12), 1026-1048.
- Ersche, K., Turton, A., Pradhan, S., Bullmore, E. & Robbins, T. (2010). Drug Addiction Endophenotypes: Impulsive Versus Sensation-Seeking Personality Traits. *Biological Psychiatry*, *68*, 770-773.
- Euwema, M. C., Kop, N. & Bakker, A. B. (2004). The behaviour of police officers in conflict situations: How burnout and reduced dominance contribute to better outcomes. *Work & Stress*, *18* (1), 23-38.
- Evans, B. J., Coman, G. J., Stanley, R. O. & Burrows, G. D. (1993). Police officers' coping strategies: An Australian police survey. *Stress Medicine*, *9*, 237-246.
- Evenden, J. (1999). Varieties of impulsivity. *Psychopharmacology*, *146*, 348-361.
- Eysenck, H. J. & Wilson, G. D. (1976). *Manual de Psicologia Humana*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Eysenck, S. & Zucherman, M. (1978). The relationship between sensation-seeking and Eysenck's dimensions of personality. *British Journal of Psychology*, *69*, 483-487.
- Ferrando, P. & Chico, E. (2001). The construct of sensation seeking as measured by Zuckerman's SSS- V and Arnett's AISS: a structural equation model. *Personality and Individual Differences*, *31*, 1121-1133.
- Fischer, S. & Smith, G. (2004). Deliberation affects risk taking beyond sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, *36*, 527-537.
- Forero, C., Pujol, D., Olivares, A. & Pueyo, A. (2009). Disentangling impulsiveness, aggressiveness and impulsive aggression: An empirical approach using self-report measures. *Psychiatry Research*, *168*, 40-49.

- Formiga, N., Aguiar, M. & Omar, A. (2008). Busca de Sensação e Condutas Anti-Sociais e Delitivas em Jovens. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (4), 668 - 681.
- Fox, H., Bergquist, K., Gu, P. & Sinha, R. (2010). Interactive Effects of Cumulative Stress and Impulsivity on Alcohol Consumption. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 34 (8), 1376-1385.
- Fruyt, F., Bockstaele, M., Taris, R. & Van Hiel, A. (2006). Police Interview Competencies: Assessment and Associated Traits. *European Journal of Personality*, 20, 567-584.
- Gerber, G. & Ward, K. (2011). Police Personality: Theoretical Issues and Research. In J. Kitaeff (Ed.) *Handbook of police psychology* (pp. 421-436). New York: Routledge.
- Gerbing, D., Ahadi, S. & Patton, J. (1987). Toward a Conceptualization of Impulsivity: Components across the Behavioral and Self-Report Domains. *Multivariate Behavioral Research*, 22, 357-379.
- Gerra, G., Bertacca, S., Zaimovic, A., Pirani, M., Branchi, B. & Ferri, M. (2008). Relationship of Personality Traits and Drug of Choice by Cocaine Addicts and Heroin Addicts. *Substance Use & Misuse*, 43, 317-330.
- Gershon, R., Lin, S. & Li, X. (2002). Work Stress in Aging Police Officers. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 44 (2), 160-167.
- Gerstle, J. E., Mathias, C. W. & Stanford, M. S. (1998). Auditory P300 and Self-Reported Impulsive Aggression. *Biological Psychiatry*, 22, 575 - 583.
- Girodo, M. (1991). Drug Corruption in Undercover Agents: Measuring the Risk. *Behavioral Sciences and the Law*, 9, 361-370.
- Girodo, M. (2007). Personality and cognitive processes in life and death decision making: An exploration into the source of judgment errors by police special squads. *International Journal of Psychology*, 42 (6), 418-426.
- Glicksohn, J. & Abulafia, J. (1998). Embedding sensation seeking within the big three. *Personality and Individual Differences*, 25, 1085-1099.
- Glicksohn, J. & Bozna, M. (2000). Developing a personality profile of the bomb-disposal expert: The role of sensation seeking and field dependence-independence. *Personality and Individual Differences*, 28, 85-92.
- Glicksohn, J., Ben-Shalom, U. & Lazar, M. (2004). Elements of unacceptable risk taking in combat units: An exercise in offender profiling. *Journal of Research in Personality*, 38, 203-215.
- Goldstein, H. (1968). Police response to urban crisis. *Public Administration Review*, 28, 417-418.

- Gomà-i-Freixanet, M. & Wismeijer, A. (2002). Applying personality theory to a group of police bodyguards: A physically risky prosocial prototype? *Psicothema*, 14 (2), 387-392.
- Gudjonsson, G. & Sigurdsson, J. (2010). The relationship of compliance with inattention and hyperactivity/impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 49, 651-654.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Hart, P. (1999). Predicting Employee Life Satisfaction: A Coherent Model of Personality, Work and Nonwork Experiences, and Domain Satisfactions. *Journal of Applied Psychology*, 84 (4), 564-584.
- Haynes, C., Miles, J. & Clements, K. (2000). A confirmatory factor analysis of two models of sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 29, 823-839.
- Helsen, W. & Starkes, J. (1999). A New Training Approach to Complex Decision Making for Police Officers in Potentially Dangerous Interventions. *Journal of Criminal Justice*, 27 (5), 395-410.
- Henkel, J., Sheehan, E. & Reichel, P. (1997). Relation of Police Misconduct to Authoritarianism. *Journal of Social Behavior and Personality*, 12 (2), 551-555.
- Hennessy, S. (1999). *Thinking cop, feeling cop: a study in police personalities* (3rd ed.) Florida: Center for Applications of Psychological Type.
- Herzog, S. (2000). Is there a distinct profile of police officers accused of violence? The Israeli case. *Journal of Criminal Justice*, 28, 457-471.
- Hoaken, P., Shaughnessy, V. & Pihl, R. (2003). Executive Cognitive Functioning and Aggression: Is it An Issue of Impulsivity? *Aggressive Behavior*, 29, 15-30.
- Hodgins, G., Creamer, M. & Bell, R. (2001). Risk Factors for Posttrauma Reactions in Police Officers: A Longitudinal Study. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 189 (8), 541-547.
- Homant, R., Kennedy, D. & Howton, J. (1994). Risk taking and police pursuit. *The Journal of Social Psychology*, 134 (2), 213-221.
- Houston, R. & Stanford, M. (2001). Mid-latency evoked potential in self-reported impulsive aggression. *International Journal of Psychophysiology*, 40, 1-15.
- Hurrell, J. J. (1995). Police work, occupational stress, and individual coping. *Journal of Organizational Behavior*, 16, 27-34.
- Jonah, B., Thiessen, R. & Au-Yeung, E. (2001). Sensation seeking, risky driving and behavioral adaptation. *Accident Analysis and Prevention*, 33, 679-684.
- Kardum, I. & Krapic, N. (2001). Personality traits, stressful life events, and coping styles in early adolescence. *Personality and Individual Differences*, 30, 503-515.

- Knust, S. & Stewart, A. (2002). Risk-Taking Behaviour and Criminal Offending: An Investigation of Sensation Seeking and the Eysenck Personality Questionnaire. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 46 (5), 586-602.
- Kohan, A. & O'Connor, B. (2002). Police officer job satisfaction in relation to mood, well-being and alcohol consumption. *The Journal of Psychology*, 136 (3), 307-318.
- Kurke, M. & Scrivner, E. (1995). *Police Psychology into the 21st Century*. Hillsdale: LEA.
- Leftkowitz, J. (1975). Psychological attributes of policemen: a review of research and opinion. *Journal of Social Issues*, 31 (1), 3-26.
- Leftkowitz, J. (1977). Industrial-organizational psychology and the police. *American Psychologist*, 32, 346-364.
- Lersch, K. & Mieczkowski, T. (2005). Violent police behaviour: past, present, and future directions. *Aggression and Violent Behavior*, 10, 552-568.
- Lester, D. (1982). Perceived Stress in Police Officers and Belief in Locus of Control. *The Journal of General Psychology*, 107, 157-158.
- Lester, D., Babcock, S., Cassisi, J., Genz, J. & Butler, A.J. (1980). The Personalities of English and American Police. *The Journal of Social Psychology*, 111, 153-154.
- Lester, D., Leitner, L. & Posner, I. (1985). A Note on Locus of Control and Stress in Police Officers. *Journal of Community Psychology*, 13, 77-79.
- Levenson, M. R. (1990). Risk taking and personality. *Journal of Personality & Social Psychology*, 58 (6), 1073-1080.
- Leyens, J. P. (1985). *Teorias da Personalidade na Dinâmica Social*. Bruxelles-Liège: Pierre Mardaga.
- Loevinger, J., Lawrence, C., Bonneville, L., Redmore, C., Streich, D. & Sargent, M. (1985). Ego Development in College. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48 (4), 947-962.
- Lorinskas, R. A. & Kulis, J. C. (1986). Misunderstood ideology. *Police Studies*, 9, 184-193.
- Lorr, M. & Strack, S. (1994). Personality profiles of police candidates. *Journal of Clinical Psychology*, 50, 200-207.
- Lough, J. & Ryan, M. (2010). Research note: psychological profiling of Australian police officers: a three-year examination of post-selection performance. *International Journal of Police Science and Management*, 12 (3), 480-486.
- MacDonald, J. & Alpert, G. (1998). Public Attitudes Toward Police Pursuit Driving. *Journal of Criminal Justice*, 26 (3), 185-194.

- Matarazzo, J. D., Allen, B. V., Saslow, G. & Wiens, A. N. (1964). Characteristics of successful policeman and fireman applicants. *Journal of Applied Psychology*, 48 (2), 123-133.
- McCrae, R. & Costa, P. (1997). Personality Trait Structure as a Human Universal. *American Psychologist*, 52 (5), 509-516.
- Mendes, M. (2005). *Emoções no contexto de policiamento: medo, exaustão emocional e procura de sensações, um estudo comparativo na PSP do Porto*. Dissertação de Mestrado em Criminologia. Porto: F.D.U.P.
- Micucci, A. & Gomme, I. (2005). American police and subcultural support for the use of excessive force. *Journal of Criminal Justice*, 33, 487- 500.
- Mikkelsen, A. & Burke, R. J. (2004). Work–Family Concerns of Norwegian Police Officers: Antecedents and Consequences. *International Journal of Stress Management*, 11 (4), 429-444.
- Miller, H., Mire, S. & Kim, B. (2009). Predictors of job satisfaction among police officers: Does personality matter? *Journal of Criminal Justice*, 37, 419-426.
- Mills, C. J. & Bohannon, W. E. (1980). Personality characteristics of effective state police officers. *Journal of Applied Psychology*, 65 (6), 680-684.
- Ministério da Administração Interna (2007). Lei n.º 53/2007 de 31 de Agosto – *Aprova a orgânica da Polícia de Segurança Pública*. *Diário da Republica N.º 168*, I Série. Lisboa.
- Mischel, W. & Shoda, Y. (1998). Reconciling Processing Dynamics and Personality Dispositions. *Annual Review of psychology*, 49, 229-258.
- Mischel, W. (2004). Toward an Integrative Science of the Person. *Annual Review of Psychology*, 55, 1-22.
- Mitchell, S.H. (1999). Measures of impulsivity in cigarette smokers and non-smokers. *Psychopharmacology*, 146, 455-464.
- Moeller, F., Barratt, E., Dougherty, D., Schmitz, J. & Swann, A. (2001). Psychiatric Aspects of Impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, 158, 1783-1793.
- Moeller, F., Barratt, E., Fischer, C., Dougherty, D., Reilly, E., Mathias, C. & Swann, A. (2004). P300 Event-Related Potential Amplitude and Impulsivity in Cocaine-Dependent Subjects. *Neuropsychobiology*, 50, 167-173.
- Moon, B. & Corley, C. (2007). Driving across campus: Assessing the impact of drivers' race and gender on police traffic enforcement actions. *Journal of Criminal Justice*, 35, 29 - 37.
- Morais, L. & Paula, A. (2010). Identificação ou Resistência? Uma Análise da Constituição Subjetiva do Policial. *RAC, Curitiba*, 14 (4), 633-650.

- Neves, P.M. (2001). *Leis das Polícias e das Forças de Segurança*. Porto: Legis.
- Nieuwenhuys, A. & Oudejans, R. D. (2010). Effects of anxiety on handgun shooting behavior of police officers: a pilot study. *Anxiety, Stress, & Coping*, 23 (2), 225-233.
- Oliveira, J.P. (2008). *Traços de personalidade de elementos das Forças de Segurança: um estudo comparativo na PSP de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: F.P.C.E.U.P.
- Orozco-Cabal, L., Barratt, E. & Buccello, R. (2007). Implicaciones Para el Estudio de la Neurobiología de la Experiencia Consciente. El Acto Impulsivo. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 39 (1), 109-126.
- Ortega, A., Brenner, S. & Leather, P. (2007). Occupational stress, coping and personality in the police: an SEM study. *International Journal of Police Science & Management*, 9 (1), 36-50.
- Patterson, G. (2003). Examining the effects of coping and social support on work and life stress among police officers. *Journal of Criminal Justice*, 31, 215- 226.
- Patton, J. H., Standford, M. S. & Barratt, E. S. (1995). Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 51, 768-774.
- Peaslee, L. (2009). Community policing and social service partnerships: lessons from New England. *Police Practice and Research*, 10 (2), 115–131.
- Pervin, L. (1985). Personality: Current Controversies, Issues and Directions. *Annual Review of Psychology*, 36, 83-114.
- Pervin, L. (1994). A Critical Analysis of Current Trait Theory. *Psychological Inquiry*, 5 (2), 103-113.
- Perry, J. & Carroll, M. (2008). The role of impulsive behavior in drug abuse. *Psychopharmacology*, 200, 1-26.
- Pogarsky, G. & Piquero, A. (2004). Studying the reach of deterrence: Can deterrence theory help explain police misconduct? *Journal of Criminal Justice*, 32, 371- 386.
- Prado-Lima, P. (2009). Tratamento farmacológico da impulsividade e do comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31, 58-65.
- Pueyo, A. (2003). Evaluación de la impulsividad y riesgo en el uso de armas de fuego en policías y fuerzas de seguridad. Acedido em Janeiro 2012 in <http://pt.scribd.com/doc/59738317/Evaluacion-de-la-impulsividad-y-riesgo-en-el-uso-de-armas>.
- Queirós, C. (1997). *Emoções e comportamento desviante, um estudo na perspectiva da personalidade como sistema auto-organizador*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: F.P.C.E.U.P.

- Ramos, M. (2001). *Desafiar o Desafio – prevenção do stresse no trabalho*. Lisboa: Editora RH.
- Ransley, J. & Mazerolle, L. (2009). Policing in an era of uncertainty. *Police Practice and Research, 10* (4), 365-381.
- Reio Jr., T. & Sanders-Reio, J. (2006). Sensation seeking as an inhibitor of job performance. *Personality and Individual Differences, 40*, 631-642.
- Reynolds, B., Ortengren, A., Richards, J. & De Wit, H. (2006). Dimensions of impulsive behavior: Personality and behavioral measures. *Personality and Individual Differences, 40*, 305-315.
- Richardson, A. M., Burke, R. J. & Martinussen, M. (2006). Work and health outcomes among police officers: The mediating role of police cynicism and engagement. *International Journal of Stress Management, 13* (4), 555–574.
- Romeiro, D., Almeida, C. & Horta, P. (2006). Adaptação portuguesa da Escala de Impulsividade de Barrat (BIS-11). *Acta Psiquiátrica Portuguesa, 52* (1), 1675-1683.
- Rosenbloom, T. (2006). Sensation Seeking and Pedestrian Crossing Compliance. *Social Behavior & Personality, 34* (2), 113-122.
- Rubinstein, G. (2006). Authoritarianism Among Border Police Officers, Career Soldiers, and Airport Security Guards at the Israeli Border. *The Journal of Social Psychology, 146* (6), 751-761.
- Salter-Pedneault, K., Ruef, A. & Orr, S. (2010). Personality and psychophysiological profiles of police officer and firefighter recruits. *Personality and Individual Differences, 49*, 210-215.
- Sanders, B. (2008). Using personality traits to predict police officer performance. *Journal of Police Strategies & Management, 31* (1), 129-147.
- Sheptycki, J. W. (1998). The global cops cometh: reflections on transnationalization, knowledge work and policing subculture. *British Journal of Sociology, 49* (1), 57-74.
- Siegel, J. (2010). *Introduction to Criminal Justice* (Twelfth Edition). USA:Wadsworth.
- Silva, A.L. (2012). *Exaustão emocional, estratégias de motivação e desenhos de policiamento: um estudo longitudinal na Polícia Municipal do Porto*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: F.P.C.E.U.P.
- Silva, A.L. & Queirós, C. (2012). Sensation Seeking and Burnout Police Officers. . In S.P. Gonçalves & J. Neves (Eds.). *Occupational Health Psychology: From burnout to well-being*. (in press). Rosemead, CA, USA: Scientific & Academic Publishing.

- Simmers, K., Bowers, T. & Ruiz, J. (2003). Pre-employment psychological testing of police officers: the MMPI and the IPI as predictors of performance. *International Journal of Police Science and Management*, 5 (4), 277–294.
- Singer, J. & Singer, D. (1972). Personality. *Annual Review of Psychology*, 23, 185-422.
- Slobodian, P. & Browne, K. (2001). A Review of Car Crime in England and Wales. *British Journal of Social Work*, 31, 465-480.
- Smith, A., Locke, B. & Walker, W. (1968). Authoritarianism in Police College Students and Non-Police College Students. *The Journal of Criminal Law*, 59 (3), 440-443.
- Stacy, A. W., Newcomb, M. D. & Bentler, P. M. (1991). Personality, problem drinking, and drunk driving: Mediating, moderating, and direct-effect models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 795-811.
- Steel, Z. & Blaszczynski, A. (1998). Impulsivity, personality disorders and pathological gambling severity. *Addiction*, 93 (6), 895-905.
- Sun, I., Sobol, J., Cretacci, M. & Phillips, S. (2010). A comparison of Chinese and the U.S. police cadets' occupational attitudes. *Journal of Criminal Justice*, 38, 640-647.
- Tansey, T. (2010). Impulsivity: An Overview of a Biopsychosocial Model. *Journal of Rehabilitation*, 76 (3), 3-9.
- Trojanowicz, R. C. (1971). The policeman's occupational personality. *Journal of Criminal Law, Criminology and Police Science*, 62, 551-559.
- Turchik, J., Garske, J., Probst, D. & Irvin, C. (2010). Personality, Sexuality, and Substance Use as Predictors of Sexual Risk Taking in College Students. *Journal of Sex Research*, 47 (5), 411 – 419.
- Twersky-Glasner, A. (2005). Police personality: what is it and why are they like that? *Journal of Police and Criminal Psychology*, 20 (1), 56-67.
- Van Maanen, J. (1975). Police socialization: a longitudinal examination of job attitudes in an urban police department. *Administrative Science Quarterly*, 20, 207-228.
- Vieira, A.M. (2005). *Personalidade e satisfação com o trabalho em agentes da PSP*. Dissertação de Mestrado em Criminologia. Porto: F.D.U.P.
- Vigil-Colet, A. & Codorniu-Raga, M. (2004). Aggression and inhibition deficits, the role of functional and dysfunctional impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 37, 1431-1440.
- Violanti, J. & Aron, F. (1995). Police stressors: Variations in perception among police personnel. *Journal of Criminal Justice*, 23, 287-294.
- Violanti, J., et al. (2006). Suicide in Police Work: Exploring Potential Contributing Influences. *American Journal of Criminal Justice*, 34, 41-53.

- Violanti, J., *et al.* (2009). Atypical Work Hours and Metabolic Syndrome Among Police Officers. *Archives of Environmental & Occupational Health*, 64 (3), 194-201.
- Violanti, J., *et al.* (2012). Shift Work and the Incidence of Injury Among Police Officers. *American Journal of Industrial Medicine*, 55, 217-227.
- Whissell, R. W. & Bigelow, B. J. (2003). The Speeding Attitude Scale and the role of sensation seeking in profiling young drivers. *Risk Analysis*, 23 (4), 811-820.
- White, J., Moffitt, T., Caspi, A., Bartusch, D., Needles, D. & Stouthamer-Loeber, M. (1994). Measuring impulsivity and examining its relationship to delinquency. *Journal of Abnormal Psychology*, 103 (2), 192-205.
- Williams, J. & Westall, D. (2003). SWAT and non-SWAT police officers and the use of force. *Journal of Criminal Justice*, 31, 469 - 474.
- Wolfe, S. (2011). The effect of low self-control on perceived police legitimacy. *Journal of Criminal Justice*, 39, 67-74.
- Zuckerman, M. (1979). *Sensation seeking: beyond the optimal level of arousal*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Zuckerman, M. (1990). The psychophysiology of sensation seeking. *Journal of Personality*, 58, 313-341.
- Zuckerman, M. (1993). Sensation seeking and impulsivity: A marriage of traits made in biology? In W. McCown, J. Johnson & M. Shure (Eds.), *The impulsive client: Theory, research and treatment* (pp.71-91). Washington, DC: American Psychological Association.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial basis of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (1996). Conceptual Clarification or Confusion in the Study of Sensation Seeking by J. S. H. Jackson and M. Maraun. *Personality and Individual Differences*, 21 (1), 11-114.
- Zuckerman, M. & Kuhlman, D. M. (2000). Personality and risk taking: Common biosocial factors. *Journal of Personality*, 68, 999-1029.
- Zuroff, D. (1986). Was Gordon Allport a Trait Theorist? *Journal of Personality and Social Psychology*, 51 (5), 993-1000.

7. Anexo: Apresentação do Questionário

QUESTIONÁRIO



Este questionário¹ é realizado no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, área da Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, a decorrer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, integrando um estudo mais vasto em curso ao abrigo de um protocolo entre a FPCEUP e a Divisão de Psicologia da P.S.P. Os resultados obtidos serão apenas utilizados para fins académicos e científicos (elaboração da Dissertação de Mestrado), sendo destacado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das folhas nem assinar o questionário. Não existem respostas certas ou erradas e solicitamos que responda de forma espontânea a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta. Obrigada pela colaboração.

1) Sexo:

Masculino
 Feminino

2) Idade: _____ anos

3) Estado civil:

Solteiro
 Casado ou a viver em união de facto
 Divorciado, separado ou viúvo

4) Habilitações académicas:

9º ano
 10º ou 11º ano
 12º ano
 Frequência universitária
 Licenciatura
 Pós-Graduação ou Mestrado
 Outro. Qual? _____

5) Está actualmente a viver deslocado da família?

Sim Não

6) Quantos filhos têm? _____

7) Categoria profissional: _____

8) Tempo de serviço nesta esquadra: _____ anos

9) Tempo de serviço enquanto polícia: _____ anos

¹ Versão para investigação elaborada por Nuno Preto & Cristina Queirós – FPCEUP (2011).

Grupo II²

Cada uma das questões apresentadas contém duas opções de resposta: A e B. Indique qual das opções descreve melhor os seus gostos ou o modo como se sente, assinalando com uma cruz a sua resposta na letra A ou na letra B.

1. A Gosto de festas desinibidas e loucas.
 B Prefiro festas sossegadas e onde se pode ter uma boa conversa.
2. A Há alguns filmes que gosto de ver mais do que uma vez.
 B Não tenho paciência para ver um filme que já tenha visto antes.
3. A Penso com frequência que gostaria de ser um alpinista.
 B Não consigo compreender as pessoas que arriscam as suas vidas a escalar montanhas.
4. A Não gosto de nenhum cheiro corporal.
 B Gosto de alguns cheiros do corpo humano.
5. A Aborreço-me de ver sempre as mesmas caras.
 B Gosto da familiaridade confortável dos amigos de todos os dias.
6. A Gosto de explorar sozinho uma cidade desconhecida ou uma zona de uma cidade, ainda que me possa perder.
 B Prefiro a ajuda de um guia quando estou num local que não conheço bem.
7. A Não gosto das pessoas que fazem ou dizem coisas só para chocar ou incomodar os outros.
 B Quando se consegue prever quase tudo o que alguém fará ou dirá, essa pessoa deve ser aborrecida.
8. A Normalmente não gosto de um filme em que possa prever o que se irá passar.
 B Não me importo de ver um filme em que possa prever o que vai acontecer.
9. A Já experimentei drogas ilícitas ou gostaria de o fazer.
 B Nunca seria capaz de experimentar drogas ilícitas.
10. A Não gostaria de experimentar qualquer substância que possa produzir em mim efeitos estranhos ou perigosos.
 B Gostaria de experimentar algumas das substâncias que produzem alucinações.
11. A Uma pessoa sensata evita actividades perigosas.
 B Por vezes gosto de fazer coisas um pouco arriscadas.
12. A Não gosto da companhia de pessoas desinibidas e livres quanto ao sexo.
 B Gosto da companhia de pessoas desinibidas e livres quanto ao sexo.
13. A As substâncias estimulantes incomodam-me.
 B Gosto de ficar “pedrado” de vez em quando, bebendo álcool ou consumindo drogas.
14. A Gosto de experimentar comidas que nunca provei.
 B Peço pratos com os quais estou familiarizado, de modo a evitar decepções ou desilusões.
15. A Gosto de ver vídeos caseiros ou slides de viagens.
 B Ver vídeos caseiros ou slides de viagens de alguém aborrece-me muito.
16. A Gostaria de praticar esqui aquático.
 B Não gostaria de praticar esqui aquático.
17. A Gostaria de experimentar fazer surf.
 B Não gostaria de experimentar fazer surf.

² Traduzido e adaptado de Zuckerman (1994) por Oliveira (2008).

18. A Gostaria de fazer uma viagem sem planos pré-definidos ou horários.
 B Quando viajo gosto de planejar os locais e horários cuidadosamente.
19. A Prefiro ter como amigos pessoas do tipo “terra a terra”
 B Gostaria de fazer amigos em grupos invulgares como artistas, punks ou hippies.
20. A Não gostaria de aprender a pilotar um avião.
 B Gostaria de aprender a pilotar um avião.
21. A Prefiro a superfície da água às suas profundezas.
 B Gostaria de fazer mergulho sub-aquático.
22. A Gostaria de conhecer pessoas que são homossexuais (homens ou mulheres).
 B Afasto-me de qualquer pessoa que suspeite ser homossexual.
23. A Gostaria de experimentar saltar de pára-quadras.
 B Nunca gostaria de experimentar saltar de um avião, com ou sem pára-quadras.
24. A Prefiro amigos que sejam excitantemente imprevisíveis.
 B Prefiro amigos fiáveis e previsíveis.
25. A Não estou interessado em fazer experiências só para experimentar.
 B Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, pouco convencionais ou ilegais.
26. A A essência de uma obra de arte está na sua clareza, simetria de formas e harmonia das cores.
 B Encontro frequentemente a beleza nas cores chocantes e formas irregulares das pinturas modernas.
27. A Gosto de passar algum tempo nas proximidades de minha casa.
 B Fico irritado se tenho de me limitar a passear nas proximidades de casa.
28. A Gosto de mergulhar da prancha mais alta.
 B Não gosto da sensação de estar na prancha mais alta, nem me aproximo dela.
29. A Gosto de sair com pessoas que sejam fisicamente excitantes.
 B Gosto de sair com pessoas que partilhem os meus valores.
30. A Beber muito normalmente estraga uma festa porque algumas pessoas tornam-se ruidosas e violentas.
 B Manter os copos cheios é a razão do sucesso de uma festa.
31. A O pior defeito social é ser rude.
 B O pior defeito social é ser aborrecido.
32. A As pessoas deveriam ter alguma experiência sexual antes do casamento.
 B É preferível um casal começar a sua experiência sexual após o casamento.
33. A Mesmo que tivesse dinheiro, não me preocuparia em me associar a pessoas ricas e famosas do jet-set.
 B Consigo imaginar-me numa vida de prazer pelo mundo fora com pessoas ricas e famosas do jet-set.
34. A Gosto de pessoas brincalhonas e espirituosas, mesmo que por vezes insultem os outros.
 B Não gosto de pessoas que se divertem na expectativa de ferir os sentimentos dos outros.
35. A Existem demasiadas cenas de sexo nos filmes.
 B Gosto de ver muitas das cenas de sexo nos filmes.
36. A Sinto-me melhor depois de beber uns copos.
 B Algo está mal nas pessoas que precisam de álcool para se sentirem bem.
37. A As pessoas deviam vestir-se de acordo com padrões de bom gosto, estilo e perfeição.
 B As pessoas devem vestir-se de acordo com o seu próprio gosto, mesmo que o resultado seja estranho.

38. A Fazer longas viagens em barcos pequenos é imprudente.
 B Gostaria de fazer uma longa viagem num barco pequeno desde que ele navegasse bem.
39. A Não tenho paciência para pessoas estúpidas ou aborrecidas.
 B Encontro algo interessante em quase todas as pessoas com quem converso.
40. A Esquiar numa montanha com um grande declive é uma boa maneira de acabar de muletas.
 B Gostaria de experimentar a sensação de esquiar muito depressa numa montanha com um grande declive.

Grupo III³

Indique para cada uma das frases seguintes a frequência com que ocorre no seu dia a dia:

| | Nunca ou raramente | Ocasionalmente | Frequentemente | Quase sempre |
|--|--------------------|----------------|----------------|--------------|
| 1. Planeio cuidadosamente as minhas tarefas | | | | |
| 2. Faço as coisas sem pensar | | | | |
| 3. Sou uma pessoa despreocupada | | | | |
| 4. Tomo decisões rapidamente | | | | |
| 5. Planeio as minhas viagens com muita antecedência | | | | |
| 6. Tenho auto-domínio ou auto-controlo | | | | |
| 7. Concentro-me com facilidade | | | | |
| 8. Sou poupado | | | | |
| 9. Tenho dificuldade em estar sentado muito tempo seguido | | | | |
| 10. Penso profundamente em tudo | | | | |
| 11. Planeio ter segurança profissional | | | | |
| 12. Digo as coisas sem pensar | | | | |
| 13. Gosto de pensar em problemas complexos | | | | |
| 14. Mudo de emprego esquadra com frequência | | | | |
| 15. Ao agir sigo o impulso | | | | |
| 16. Aborreço-me facilmente quando estou a resolver problemas mentais | | | | |
| 17. Consulto o médico ou o dentista com regularidade para fazer um checkup | | | | |
| 18. Actuo sob o impulso do momento | | | | |
| 19. Penso de forma coerente | | | | |
| 20. Mudo frequentemente de habitação | | | | |
| 21. Compro coisas por impulso | | | | |
| 22. Acabo aquilo que comecei | | | | |
| 23. Ando e mexo-me de forma rápida | | | | |
| 24. Resolvo os problemas por tentativa e erro | | | | |
| 25. Gasto mais do que aquilo que ganho | | | | |
| 26. Falo depressa | | | | |
| 27. Quando estou a pensar em algo deixo-me distrair por outros pensamentos | | | | |
| 28. Estou mais interessado no presente do que no futuro | | | | |
| 29. Fico inquieto ou agitado em conferências ou palestras | | | | |
| 30. Faço planos para o futuro | | | | |

³ Traduzido e adaptado de Patton, Stanford & Barrat (1995) por Oliveira (2008).